



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS (CECH)
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA (DHI)**

JÚLIA EVANGELINO DOS SANTOS

**HIPERSEXUALIZAÇÃO DO CORPO FEMININO NA CULTURA POP 2000: UMA
ANÁLISE DA HQ *GUERRA CIVIL* E A INFLUÊNCIA MIDIÁTICA
ESTADUNIDENSE**

SÃO CRISTÓVÃO

2026

JÚLIA EVANGELINO DOS SANTOS

**HIPERSEXUALIZAÇÃO DO CORPO FEMININO NA CULTURA POP 2000: UMA
ANÁLISE DA HQ *GUERRA CIVIL* E A INFLUÊNCIA MIDIÁTICA
ESTADUNIDENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do grau
de Licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Janaina Cardoso de
Mello

São Cristóvão

2026

RESUMO

A monografia teve como objetivo analisar a relação do fortalecimento da hipersexualização sofrida por mulheres e a influência midiática da cultura *pop* dos anos 2000, utilizando como referência a HQ *Guerra Civil I* (2007-2008), da Marvel Comics, escrita por Mark Millar, Steve McNiven, Dexter Vines e Morris Hollowell. Além de ressaltar a força de um período, está vinculada a ideia de comprovar uma interligação entre as produções estadunidenses e o movimento de sexualização e apagamento do feminino no Brasil, no momento em que são consumidas em massa e interpretadas pelo seu público. Para a investigação houve a interpretação qualitativa e quantitativa da obra, fundamentada nos princípios das discussões sobre gênero, com Judith Butler, relação de poder sobre corpos femininos e sua importância para o sistema, com Silvia Federici, e a relação de História e HQ com José D'Assunção Barros. Unindo as perspectivas, o resultado expôs a ideia de exclusão e objetificação no cenário midiático da época, reforçado como um produto rentável. Com isso, é possível estender o debate da objetificação de gênero aos espaços populares e problematizar como ocorre sua representação nas Histórias em Quadrinhos.

Palavras-chaves: hipersexualização feminina; HQ; Guerra Civil; História Cultural.

ABSTRACT

The monograph aimed to analyze the relationship between the strengthening of hypersexualization experienced by women and the media influence of 2000s pop culture, using as a reference the comic book *Civil War I* (2007–2008), published by Marvel Comics and written by Mark Millar, Steve McNiven, Dexter Vines, and Morris Hollowell. In addition to highlighting the force of a specific historical period, the study sought to demonstrate an interconnection between U.S. cultural productions and the movement of sexualization and erasure of the feminine in Brazil, particularly at the moment when such works are mass-consumed and interpreted by their audiences. The investigation involved both qualitative and quantitative interpretation of the work, grounded in theoretical discussions on gender with Judith Butler, on power relations over female bodies and their importance to the system with Silvia Federici, and on the relationship between History and comics with José D'Assunção Barros. By bringing these perspectives together, the results revealed patterns of exclusion and objectification within the media landscape of the time, reinforced as a profitable product. Thus, the debate on gender objectification can be extended to popular cultural spaces, problematizing how such representations occur in comic books.

Keywords: Female hypersexualization; Comics; Civil War; Cultural History.

AGRADECIMENTOS

No fim da graduação, tenho muito a agradecer, mas gostaria de dedicar esse espaço unicamente as minhas inspirações para a realização dessa pesquisa.

Primeiramente, gostaria de agradecer a Sabrina, uma das minhas amigas mais especiais, que me ajudou a encontrar esse objeto de estudo. Durante a quarentena, fomos incentivadas a escolher um tema aleatório para apresentar na aula para praticar a oratória e, no meio a tantas divergências de interesses, descobrimos que trabalhar a maneira como a mídia do entretenimento representa as mulheres era algo que conseguiríamos fazer. Além de me proporcionar uma linda amizade, me ajudou a encontrar o que gostaria de seguir como carreira e a área que me cativa.

Me mudar para estudar foi um desejo realizado e também uma aventura, eu não poderia ter sido mais feliz do que fui ao compartilhar isso com Lara. A sua amizade e companheirismo foi algo indispensável durante esses anos, me apoiou em vários momentos que jamais poderiam encaixar aqui, até em compartilhar experiências inesperadas juntas. Crescer com você foi divertido, espero que tenha pensado o mesmo.

Um agradecimento muito especial à minha orientadora, Janaína Mello, que há uns anos me proporciona a oportunidade de participar de diversas atividades dentro da universidade. Sou imensamente grata pela chance de me descobrir como pesquisadora com uma professora que sempre incentiva a progredir. E, por confiar no tema da minha monografia enquanto eu não estava conseguindo fazer isso, por estar envolvendo coisas que frequentemente são descredibilizadas.

Agradeço a todas as amigas que tive oportunidade de fazer na UFS, vocês serviram como base para mim em cada palavra e pensamento escrito nessa pesquisa, porque não existe nada mais motivador que conhecer tantas mulheres com grande potencial e vê-las conquistando o espaço delas diante de você. E, aqui, a mensagem vai, principalmente, para aquelas que me incentivaram enquanto tudo estava ficando cada vez mais difícil, mas me impedindo de desistir, para Catarina, Isabela, Kamilly, Ketilli, Nicolle e Tauana.

Agora, queria direcionar o agradecimento àquelas que me viram crescer. Começando pela minha irmã de coração, Tamires, amadurecer foi muito mais fácil com você ao meu lado, com um bom exemplo por perto, alguém que, independente de qualquer desafio que a vida coloque a sua frente, nunca deixou se abalar ao ponto de desistir. Consegui aprender mais sobre bondade e confiança estando perto de você.

E, por último e mais importante, o agradecimento é direcionado a minha mãe, Edjania Evangelino. Mãe, obrigada pela oportunidade de estudar e estar onde estou agora, eu sei que tudo se deve ao seu esforço para fazer dar certo porque confia no meu potencial. Eu sou muito grata e feliz por isso. E eu também te agradeço por sempre lutar tanto por tudo que acredita, é a pessoa mais forte e corajosa que conheço, foi a primeira mulher que vi e entendi o porquê queria estudar sobre esse assunto, gostaria que todos, incluindo a senhora, pudesse enxergar como é incrível e inspiradora.

E também agradeço a mim, por ter construído um meio social repleto de pessoas incríveis que me incentivaram a ir longe e depositam confiança quando não sou capaz de fazer isso. Esse trabalho também serve como uma maneira de dar voz às minhas versões antigas que não foram capazes de falar mais alto do que as expectativas que eram recaídas sobre elas.

Destino este trabalho a vocês com o intuito de que, algum dia, sejamos vistas além dos nossos corpos e o que esperam de nós por sermos mulheres. Sei que cada uma de vocês é capaz de se destacar e espero que consigam suportar o fardo de uma idealização incoerente que sufoca o verdadeiro potencial. E eu também desejo que, de alguma forma, essa pesquisa consiga alcançar vocês desse jeito.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as mulheres que já se sentiram sufocadas pelas idealizações impostas sobre quem são e deveriam ser.

EPÍGRAFE

“Não se pode, com facilidade, inserir as mulheres numa estrutura que já está codificada como masculina; é preciso mudar a estrutura”.

(Mary Beard, historiadora)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 APROXIMAÇÕES E DIVERGÊNCIAS: SUL E NORTE GLOBAL EM MOVIMENTO.....	13
2.1. Breve histórico do contexto político e econômico no Brasil.....	19
2.2. Breve histórico do contexto político e econômico nos EUA (ênfase nas duas Guerras - Iraque e Afeganistão).....	21
3 CORPOS FEMININOS E RELAÇÃO DE PODER NA HQ: PLANOS DE CONQUISTA.....	30
3.1. Ligação entre Hollywood e maior popularização das HQs.....	33
3.2. O poder expresso na HQ.....	36
4. MISOGINIA NORTE-AMERICANA NA VISUALIDADE NARRATIVA DA HQ: INVASÃO DO BRASIL.....	40
4.1. Hipersexualização como produto do entretenimento.....	42
4.2 Limitação performática em suas falas.....	47
5. MÍDIA, EXCLUSÃO E CONTROLE EM HQ: GUERRA E RESISTÊNCIA.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	62

1. INTRODUÇÃO

Os anos 2000 surgiram em meio a variedade de inovações após a conclusão de um século conturbado, demarcando um período de atividades envolvendo diplomacia e conexão informacional pelos meios de comunicação facilitados pela globalização política, econômica e cultural. Com essa movimentação, a influência do Brasil não era limitada apenas à função política formal, mas ocorriam outros meios de intervenção estrangeira através das mídias visuais.

Perante essa perspectiva, o trabalho visa investigar um dos produtos consumidos na cultura popular crescente do período, as Histórias em Quadrinhos (HQ), cuja estética envolve o uso do corpo feminino como centro para rendimento financeiro e dominação simbólica, utilizando a sua imagem para a atração do público, enquanto inviabiliza a sua personalidade, liberdade e dignidade em uma sociedade sob os auspícios do patriarcado.

Para alcançar uma ampla visão sobre o acontecimento, é utilizada como base a História em Quadrinhos *Guerra Civil I* (2007-2008), da Marvel Comics e publicada pela Panini Comics no Brasil. Lançada em versão impressa nessa década e, posteriormente, sendo adaptada aos cinemas e livro, demonstrou a sua influência transmídia no meio dos consumidores desse tipo de produção. Evidenciando um atrativo, a longo prazo, devido a sua popularização visto ser uma das produções mais consumidas de todos os tempos (Johnston, 2023).

A HQ *Guerra Civil (Civil War)*, escrita por Mark Millar e desenhada por Steve McNiven é se consolidou como uma das Graphic Novels mais vendidas da história da Marvel. Os *rankings* da BookInfo, uma plataforma de metadados e distribuição que fornece informações para o mercado editorial brasileiro, os dados históricos de vendas e *rankings* (via Comichron/Diamond) destacam o impacto contínuo de *Guerra Civil*. Assim, seu desempenho pode ser descrito pelos seguintes dados:

Quadro 1: Ranqueamento da HQ *Guerra Civil*

Categoria	Desempenho
Recorde de Vendas	Guerra Civil é considerada a Graphic Novel mais bem-sucedida da Marvel.
Desempenho Histórico	Durante seu lançamento em 2006, todas as 7 edições da minissérie principal garantiram o primeiro lugar no <i>ranking</i> de vendas mensais consecutivamente.
Longevidade	A edição em encadernado (<i>Trade Paperback</i>) de <i>Guerra Civil</i> manteve-se como um <i>best-seller</i> constante para a Marvel por mais de

	15 anos após o seu lançamento.
Rankings Recentes	Mesmo anos após o lançamento, edições como <i>Marvel Premier Collection</i> Vol. 3 Civil War continuaram a figurar no Top 20 de <i>Graphic Novels</i> por unidades no mercado, como visto em levantamentos de agosto de 2025.

Fonte: Perch, 2020; Johnston, 2023; BookInfo, 2025.

Dessa forma, propor a análise das mídias para o meio social para problematizar criticamente o impulso da misoginia e machismo no Brasil diante do consumo dos produtos midiáticos hipersexualizados dos Estados Unidos torna-se relevante, visto que essa forma de entretenimento ficcional também impacta negativamente as vidas das mulheres no país. Isso porque as representações encontradas reforçam a desigualdade de gênero, padronizando uma ideia sobre mulheres e o seu corpo, como algo que não pertence à decisão delas.

Essa pesquisa está inserida no campo História Cultural, discutida por Peter Burke (2005), a partir da compreensão de que variados objetos presentes na cultura são capazes de serem apropriados para o desenvolvimento de uma pesquisa historiográfica e a presença dos símbolos emitidos por estes permite estudar e correlacionar as vivências do cotidiano. E, partindo dessas análises, busca-se aplicar termos como “representação social”, teorizado por Roger Chartier (1990), acerca das percepções no imaginário coletivo a partir de lutas por poder expressas em práticas sociais, apresentando as características dos seus valores e o sentido de dominação sobre grupos historicamente minorizados.

Com isso, o estudo segue uma lógica de interpretação dessas representações, com a intenção de identificar e desnaturalizar a criação do sentido de inferioridade direcionado ao corpo feminino e o uso de espaços da cultura popular, como a produção de HQs, para refletir sobre a criação do sentido de superioridade e poder sobre o mesmo. Assim, compreender a influência de diferentes regiões e a forma como se conectam nesse papel de elaboração de hierarquia social pode explicitar como a mídia consegue garantir um mecanismo de exclusão e controle sobre a narrativa de grupos subalternizados.

O método de análise consistiu na leitura de referências sobre gênero, como o livro *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*, de Judith Butler (2018), pretendendo trazer ao debate a problemática da performatividade descrita pela filósofa. Complementado com pesquisas sobre objetificação corporal para enfatizar esse movimento. A relação de poder sobre corpos femininos e a manutenção do sistema, na obra *Calibã e a bruxa*, de Silvia Federici (2017), que discorre sobre os fundamentos do capitalismo para explicar a função destinada à mulher na sociedade enquanto é reforçada a propagação de ódio.

Além de debates sobre o uso de histórias em quadrinhos como objeto de estudo na historiografia, como proposto por José D'Assunção Barros (2023) em *HQ-História: As relações da HQ como agente histórico, meio de representação da História e objeto histórico*, dentre outros.

O primeiro tópico aborda sobre as relações desenvolvidas entre o norte e sul global durante os anos 2000, a maneira como os eventos políticos movimentaram e uniram por meio de interesses que surgiram para dar continuidade a influência estadunidense em um tempo de mudanças radicais, que afetavam formas de vida e consumo. Destacando, portanto, a relação entre o Brasil e os Estados Unidos, que são o foco da pesquisa.

Posteriormente, os corpos femininos e a relação de poder, perpassando discussões sobre como o patriarcado exige um controle corporal, designando como agir e a sua utilidade no meio social. Refletindo a dominação apresentada nas histórias em quadrinhos e o poder da violência simbólica colocado em cena nas suas páginas. Seguido de um debate sobre misoginia, refletindo pontos como a destilação de ódio contra o feminino (misoginia), a maneira como a hipersexualização auxilia nessa propagação e a imposição de uma restrição ao posicionamento oferecido às personagens mulheres.

Para finalizar, a ligação entre mídia, corpo e controle reforçado na HQ, argumentando sobre a maneira como essa proposta esteve presente no avanço da força midiática (e transmidiática) em desenvolvimento contínuo durante as décadas. Assim, tais linguagens socioculturais imagéticas terminaram reforçando a ideia da construção de um corpo vulnerável e atraente para a prevalência dos interesses masculinos. Pensar fora desse eixo de cerceamento é o papel da historiografia contemporânea.

2. APROXIMAÇÕES E DIVERGÊNCIAS: SUL E NORTE GLOBAL EM MOVIMENTO

“Portanto, seria tolice encerrar este livro com previsões de como será uma paisagem já deixada irreconhecível pelas convulsões tectônicas do Breve Século XX, e que ficará ainda mais irreconhecível com as que, mesmo agora, estão acontecendo” (Hobsbawm, 2008, p. 561).

Esse era o pensamento do historiador Eric Hobsbawm ao escrever o livro *A Era dos Extremos: o breve século XX de 1914-1991*, pois após diversos conflitos e avanços significativos, o século anterior tornou-se indescritível devido aos seus diversos acontecimentos imprevisíveis e de difícil compreensão. Essa perspectiva definiu uma ideia compartilhada entre os seres humanos daquele período.

O século XX foi marcado por guerras, lutas por territórios, mudanças econômicas, revoluções e diversos outros acontecimentos que moldaram uma era, criando anseios e incertezas na mente da população sobre o futuro (Hobsbawm, 2008). A virada do milênio ganhava forma diante da finalização de uma guerra extensa que foi capaz de causar dúvidas sobre a segurança internacional, a Guerra Fria, com duas grandes potências em meio a disputa ideológica, sendo que uma conseguiu sair vitoriosa ao se destacar e influenciar boa parte do globo por meio dos ideais que defendia (reforçadas, é claro, por seu poderio econômico-militar). Dessa forma, os Estados Unidos diante de um novo contexto histórico, como poderiam seguir com a manutenção da sua hegemonia?

Então, a primeira década dos anos 2000 surge com mudanças que englobam diversos âmbitos da sociedade. Salientam-se a **Revolução Tecnológica e Digital** (a partir da transição da *internet* discada, que ocupava a linha telefônica, para tecnologias mais acessíveis, embora ainda lentas; a mudança da fita cassete e VHS para o CD e o início do formato MP3; celulares com antenas tornaram-se populares e, logo após a virada, surgiram os primeiros celulares com câmera integrada, como o J-Phone J-SH04 e o estouro da bolha de ações tecnológicas em 2000 redefiniu o mercado de empresas baseadas na *internet*, levando a uma reestruturação do setor.) como bem expôs Dowbor (2024); as **Mudanças Sociais e Culturais** (o fim de uma era [século XX] e o início de uma nova, marcada por otimismo e euforia tecnológica, o auge da estética emo, com roupas escuras e cabelos coloridos/franjas, marcando a moda adolescente da época, o início da transição das interações físicas para as virtuais, preparando terreno para as redes sociais que viriam logo depois (Orkut, MySpace), a sensação de que o mundo estava se tornando um lugar mais interconectado e rápido) apontadas por Costa e Ianni (2018) e as **Transformações Econômicas e Políticas** (a ONU lançou objetivos focados em combater a

pobreza, fome e melhorar a educação e saúde globalmente, o Brasil viveu um período de relativa prosperidade e crescimento do consumo no início da década, no cenário geopolítico houve a preparação para um mundo que, pouco depois, seria impactado por eventos como o 11 de setembro de 2001 e crises financeiras) conforme atestaram Cruz *et al.* (2012) e Arrais Neto, Bezerra e Pustilnik (2021). Assim, a passagem para o ano 2000 não provocou o colapso anunciado, mas simbolizou uma inflexão decisiva rumo à aceleração tecnológica que consolidou o ambiente digital interconectado em que vivemos hoje.

E, diante das problemáticas envolvendo ideologias entre as nações, tornou-se essencial a criação de boas relações para seus desenvolvimentos e garantia de poder hegemônico. Isso porque em uma sociedade global onde as mudanças estavam sendo aceleradas pelo impacto do avanço tecnológico digital, a sensação de instabilidade e o medo da perda de referências por parte de países que se tornaram protagonistas na virada do milênio estava na seara de suas preocupações.

A definição de “grande potência” não assegurou o título de indestrutível ou inalcançável aos Estados Unidos, que conseguiu encontrar maneiras de estabilizar o seu poder em meio às incertezas que surgiram com o fim da Guerra Fria, mas exigiu planos para estabilizar o seu poder diante das outras nações. De acordo com o doutor em Ciências Sociais, Marcelo Santos, existiram pontos que garantiram essa superioridade,

É importante ressaltar que o fim da guerra Fria não foi seguido de nenhum grande acordo internacional - envolvendo as grandes potências - que pudesse resultar no estabelecimento de uma nova ordem política, monetária e financeira mundial. Ao contrário, o mundo pós-guerra fria vem sendo marcado pela afirmação da supremacia militar, monetária e financeira norte-americana a serviço do seu grande capital, disposta a impedir, por um lado, o fortalecimento ou surgimento de potências concorrentes e, por outro, a realização de um grande acordo internacional que limite as ações dos EUA (Santos, 2006, p. 50)

Ao finalizar esse período histórico, o país retirou-se com vários benefícios que favoreceram a sua superioridade frente às outras nações. Durante a disputa, foi possível minar a influência de um dos maiores concorrentes, porém, ainda era necessário encarar outros que estavam em avanço notável, a exemplo da Rússia e da Ásia. Era essencial o desenvolvimento voltado ao fortalecimento de seus pontos fortes e a extensão de suas necessidades ao resto do mundo.

Durante o mandato do presidente Bill Clinton (1993-2001), o foco principal era a democracia de mercado que precisava ser espalhada pelo mundo (Santos, 2006). Assim, começa a fincar-se o poder, com a moeda (dólar) e as ideias neoliberais vinculadas ao avanço social, mesmo que a sua atuação esteja em destaque desde a Segunda Guerra Mundial, com

essa movimentação foi possível consolidar uma nova face, era o sonho americano surgindo em uma nova fórmula, que seria completada nos anos seguintes.

Além disso, suas atividades não ficaram limitadas ao território nacional com negociações e simpatia com o exterior, mas também, com invasões diretas em outros territórios sob o bastião da “garantia da democracia e da liberdade à todos os povos”. Ou seja, “Na verdade, durante o seu governo [Bill Clinton, 1993-2001] teve início um processo de reestruturação das bases e dos efetivos militares norte-americanos no mundo de acordo com as novas diretrizes geopolíticas e geoeconômicas pós-guerra fria” (Santos, 2006, p. 55).

Dessa maneira, foi se estruturando uma nova hegemonia dos EUA, sofrendo com algumas resistências pontuais¹, mas conseguindo encontrar técnicas de se estabelecer diante dos desafios impostos pelas mudanças que precisavam enfrentar. Contudo, a evolução dos meios de comunicação em um alcance simplificado, tornou-se um fato importante nessa virada de século e suas disputas, com a ajuda da atualização do processo de mundialização.

Assim, a globalização é vista como um

Processo pelo qual a arte, a cultura, a música, o comportamento, o vestuário dos indivíduos de um país sofrem e assimilam as influências de outros, devido ao desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, tornando o mundo unificado em uma grande “aldeia global”, termo criado pelo escritor canadense Marshall McLuhan (1911-1980) nos anos 1960. (Dicionário Michaelis *Online*, 2026).

Os Estados Unidos possuem as maiores redes de poder em seu domínio e, com a chegada da era da informação, viu-se diante da possibilidade de progredir a valorização da mídia, relevante para a atualidade, por se tornar um espaço de lazer e ser um ambiente propício para a disseminação de ideias, ao ponto de ter fortalecido o imaginário do sonho americano e consolidação da boa ótica sobre os seus pontos fortes.

A alteração de rumo para os estadunidenses está relacionada a tragédia que ocorreu no dia 11 de setembro de 2001. Quando o objetivo inicial do grupo terrorista Al-Qaeda² era

¹ A resistência à predominância política e estratégica dos Estados Unidos nos anos 2000 consolidou-se como uma resposta direta ao unilateralismo norte-americano, intensificado após os atentados de 11 de setembro de 2001 e a subsequente “Guerra ao Terror”. Esse contexto estimulou a expansão do antiamericanismo, o fortalecimento de movimentos antiglobalização e a emergência da chamada “Onda Rosa” na América Latina, marcada pela busca de maior autonomia econômica, soberania política e revisão crítica das relações hemisféricas (Krauze, 2015; Greene, 2025).

² A classificação de grupos terroristas varia conforme cada país e organismo internacional, mas tende a seguir parâmetros semelhantes: o Conselho de Segurança da ONU atua como principal instância global de designação, enquanto Estados mantêm listas próprias, como os EUA. Nessas listas figuram organizações como Al-Qaeda e suas afiliadas (AQAP, Al-Shabaab), o Estado Islâmico (EI/ISIS), o Talibã, Hamas, Hezbollah e Boko Haram, todas associadas a ações que ameaçam a segurança nacional ou internacional. No Brasil, a Lei 13.260/2016 define terrorismo como atos motivados por xenofobia, discriminação ou preconceito, com a intenção de gerar terror social, evidenciando que os critérios nacionais incorporam tanto a motivação quanto o impacto social da violência (Institute for Economics & Peace (IEP), 2023; Souza, 2025).

alcançar localizações específicas no território estadunidense (Pentágono, as Torres do World Trade Center e, o último, certamente Washington D.C) (Vieira, 2012), assim representava o choque contra símbolos de poder no Norte Global. Nesse dia, o país entrou em luto com as mortes das vítimas que trabalhavam nos lugares afetados.

Foi um momento caótico noticiado no mundo inteiro (BBC News Brasil, 2024), uma vez que o “país inalcançável” foi visto em sua vulnerabilidade, da mesma maneira que qualquer outro. E, assim, surgiu uma nova missão para representar os objetivos do país, dentro da perspectiva unificadora de luta contra o terrorismo (Storti, 2009). Nos anos 1990, a justificativa era espalhar a paz e a democracia ao entrar em outras terras. Porém, na década de 2000 surgiu um novo problema: o terrorismo, e os Estados Unidos como figura influente militarmente, viu a necessidade de acabar com esse novo problema. E, dessa maneira, iniciou o movimento antiterrorista (Santos, 2006).

Diferentemente da sua ação passada, o novo século garantiu uma facilitação na disseminação da imagem que gostariam de transmitir, visto que o acesso à informação havia mudado, alcançando um número maior de consumidores pelo mundo. No Brasil, por exemplo, o acesso à *internet* estava em desenvolvimento, registrando 67,9 milhões de usuários em 2009, como também, o aumento da aquisição de TVs durante a década (Agência IBGE Notícias, 2010). O progresso desses dados, demonstram uma maior aproximação das pessoas com os meios de informação do novo século.

Esses pontos foram fundamentais para a integralização da sua imagem após o atentado, o sofrimento do povo era algo notável enquanto surgia a promessa de vingança pelas vítimas do atentado. Além da atenção nos noticiários enquanto relatava os acontecimentos, estavam no centro de todas as tendências mundiais, incluindo o cinema, o qual também tornou-se um ambiente importante para tratar sobre o assunto, pois, “tanto Estados Unidos quanto a sua indústria cinematográfica visualizam um futuro rodeado por incertezas e desafios vindo do ‘lado não sadio do mundo’” (Bajaa, 2015, p. 31), ponto que simboliza a esperança de alcançar a paz e segurança destinada ao militar estadunidense, enquanto cria uma narrativa focada em piadas preconceituosas contra pessoas do Oriente Médio como principais tópicos abordados.

A globalização não deve ser entendida apenas como uma possibilidade de aproximação entre as nações, como forma de conhecer ou ter mais contato entre os habitantes de cada região do mundo, permitindo o acesso aos seus saberes e costumes. Mas, principalmente, sobre a sua influência e como ela consegue alterar percepções e ações dentro de outras regiões devido ao que acontece em suas terras (Giraud, 2007). Por exemplo, os EUA

se configuram como a nação mais poderosa e influente do momento e, devido a isso, as atenções estão focadas em suas movimentações e estilo de vida. Isso é transportado por meio das informações. Por isso,

O processo da globalização também está acompanhado por um movimento de difusão das idéias para além das fronteiras nacionais. Se essa circulação de idéias não modifica a situação política das sociedades já fortemente internacionalizadas, a queda dos regimes autoritários, na América do Sul e no Leste europeu, e também o desenvolvimento de investimentos internacionais ou, especificamente, o avanço citado da consciência da globalização, constituem elementos que favorecem a difusão de modelos nem sempre unívocos de ação pública (Giraud, 2007, p. 397)

Em uma jogada política e após o evento traumático as suas mídias possibilitaram a criação de um “estigma” sobre pessoas da mesma região de criação do grupo terrorista porque, nesse momento, o atentado começou a ser relacionado com a população e a religião islâmica (Bajaa, 2015). Um ódio disseminado contra um povo para conseguir atingir o seu objetivo de mostrar-se como resiliente diante de dificuldades, enquanto ridicularizava um grupo de pessoas em suas mídias de entretenimento. Assim,

[...] a definição das práticas de terror com um viés baseado no direito não seria “inteligente” para as principais potências ocidentais lideradas pelos Estados Unidos, Hollywood de maneira sutil e ao mesmo tempo agressiva transforma aquilo que no meio político se tem como uma série de definições e contradições sobre terrorismo como uma verdade única e direcionada a um grupo específico, principalmente após 11 de setembro (Bajaa, 2015, p. 25).

E, uma década marcada por guerras, grandes mudanças políticas, crises financeiras e explosão do consumo midiático, influenciaram a disseminação de informações e aproximações entre potências ao adquirirem esse material, fortalecendo o papel de dominação estrangeira. No pós-guerra fria, era necessário avançar com as estratégias e adaptar-se às exigências da atualização mundial.

Apesar das dificuldades enfrentadas, os Estados Unidos destacaram-se na disputa no período pós-Guerra Fria, lapidando a sua imagem e propondo uma imagem de “bom vizinho”, e “propagador da paz mundial” ao passo em que realizava diversas intervenções militares. E, posteriormente, como nação potente capaz de enfrentar o antiterrorismo enquanto continua no fortalecimento de suas atividades (Santos, 2006), tornando-se um símbolo de resistência, esperança e exemplo internacional.

Quadro 2: Intervenções Militares, Bombardeios e Conflitos Contínuos (Pós-2000)

País	Ano	Tipologia
Afganistão	2001	Iniciada logo após o 11 de setembro, a “Operação Liberdade Duradoura” derrubou o regime Talibã.

Iraque	2003	Liderada por uma coalizão internacional, a invasão derrubou o regime de Saddam Hussein sob a justificativa (posteriormente provada falsa) de que o país possuía armas de destruição em massa
Síria	a partir de 2011/2014	Intervenção aérea e apoio a grupos rebeldes durante a guerra civil, além de combate ao Estado Islâmico
Líbia	2011	Intervenção aérea da OTAN que contribuiu para a derrubada de Muammar Gaddafi.
Iêmen	a partir de 2009	Ataques de drones e apoio militar em operações contra a Al-Qaeda e no conflito iemenita.
Paquistão	a partir de 2004	Ataques constantes de drones na região de fronteira com o Afeganistão.
Somália	intervenções recorrentes	Ataques aéreos e missões especiais contra o grupo Al-Shabab.
Venezuela	2026	Invasão do país e sequestro do presidente Nicolás Maduro e de sua esposa.
Irã	2026	Bombardeio em parceria com Israel.

Fonte: Elaboração própria com dados de Lucas, 2007; Hafezi, 2026; Galhardi, 2026.

Assim, devido às suas intenções com outros países, “o término do mundo bipolar tem levado os EUA a demarcarem interesses em todas regiões do planeta” (Santos, 2006, p. 52), ocorrendo, inevitavelmente, uma aproximação entre o Norte e o Sul global. O autor Oliver Giraud (2007), pesquisador em Ciências Políticas, faz uma reflexão sobre a situação utilizando o mercado como um exemplo, em que os países do sul sofrem com dificuldades para a sua ascensão, o que aumenta a interação com outras nações gerando necessidades de contato para ocupar demandas.

Os países africanos – inclusive da África do Norte –, mas também a maioria dos países da América Latina, permanecem posicionados em mercados de produtos com baixo valor agregado, ou cujos circuitos internacionais são intensamente controlados por multinacionais do Norte, para que consigam realizar um verdadeiro ciclo de desenvolvimento, ou seja, de autonomização. (Giraud, 2007, p. 396)

A formulação de Giraud (2007) evidencia como a permanência de países africanos e latino-americanos em setores de baixo valor agregado não é apenas um dado econômico, mas um mecanismo estrutural que reproduz relações históricas de dependência. Ao ocuparem posições subordinadas em cadeias produtivas controladas por multinacionais do Norte, essas economias têm sua capacidade de gerar inovação, acumular capital e construir políticas industriais autônomas sistematicamente limitada. Essa inserção periférica impede a formação

de ciclos internos de desenvolvimento, pois restringe tanto a captura de excedentes quanto a possibilidade de diversificação produtiva, mantendo esses países presos a um modelo primário-exportador que favorece a concentração de poder econômico no centro do sistema internacional. Assim, o argumento de Giraud revela que a ausência de autonomização não decorre de falhas internas isoladas, mas de uma arquitetura global que organiza fluxos de produção e riqueza de modo a preservar hierarquias e assimetrias entre Norte e Sul.

2.1. Breve histórico do contexto político e econômico no Brasil

O início dos anos 2000 no Brasil é marcado por mudanças, tanto no setor econômico e político, como nas novidades que alcançaram a população. Nos dois primeiros anos, o presidente era Fernando Henrique Cardoso (FHC), que focou suas ações na intenção de melhorar a economia, completar a ação do plano Real para, enfim, conseguir lidar com a inflação no país. Porém, a situação econômica não estava conseguindo criar um cenário favorável para o seu desenvolvimento particular, necessitando da ação do mercado exterior para criação das suas oportunidades (Júnior, 2013).

No entanto, deve-se ressaltar que a consolidação do neoliberalismo no Brasil ocorreu de forma gradual, mas ganhou centralidade política durante o governo Collor (1990-1992), quando essa agenda passou a orientar amplos setores do capital, partidos conservadores, parte do centro político, a grande imprensa e segmentos do empresariado, além de influenciar frações do movimento sindical, como aquelas vinculadas à Força Sindical. Nesse contexto, iniciaram-se processos estruturais como a privatização de empresas estatais, a abertura econômica ao capital estrangeiro e a redefinição do mercado como principal instância organizadora da vida nacional, ao mesmo tempo em que os direitos trabalhistas passaram a ser alvo de pressões contínuas. O governo FHC (1995-2003) aprofundou esse projeto, sustentado por amplo apoio de forças conservadoras, promovendo reformas (como a da Previdência, a Administrativa e medidas de reestruturação econômica) que reduziram o papel do Estado e ampliaram a lógica de mercado. Paralelamente, buscou flexibilizar relações de trabalho por meio de estudos no Ministério do Trabalho, intensificou o uso de medidas provisórias para legislar e restringiu mecanismos de atuação da oposição no Congresso. A continuidade das privatizações, a manutenção de juros elevados para atrair capitais especulativos e a ausência de políticas protecionistas contribuíram para fragilizar setores industriais nacionais, como os de calçados, têxteis e autopeças, evidenciando os efeitos estruturais da adoção plena do modelo neoliberal (Negrão, 2004, p. 7-8).

Em 2002, foi eleito o novo presidente que persistiu até os anos de 2010, Luís Inácio Lula da Silva. Sendo um período de mudanças consideráveis com políticas públicas que visavam um avanço econômico para melhorar a vida dos cidadãos brasileiros, visto que a porcentagem de pobreza e a economia tiveram seus níveis modificados para números positivos, comparado aos anos anteriores (Júnior, 2013).

A passagem de título entre os presidentes, ocorreu em um momento que o país se encontrava com dificuldades relacionadas a fragilidade da economia nacional, a qual havia sido imposta a métodos ineficientes para a sua realidade. Durante o início do novo mandato, o Partido do Trabalhador (PT) colocou diversas pautas em destaque para desenvolvimento nesse tempo, porém, houve a necessidade de focar em problemáticas urgentes, “como a contenção da inflação e do desemprego, o combate à fome e estabilização das contas nacionais.” (Borelli; Peron, 2017, p. 488), devido à fragilidade que afetava a economia e o meio social.

O bom desempenho no comércio internacional e aumento no nível de reservas internacionais permitiu maior margem de manobra para o governo para voltar maior atenção para políticas sociais e para a questão do desenvolvimento. Políticas de incentivo ao crédito, ao consumo, ao investimento e à redistribuição de renda foram ampliadas, mas sem que, em contrapartida, fossem abandonadas as metas de inflação e as elevadas taxas de juros (Borelli; Peron, 2017, p. 484)

E, posteriormente, com o desenvolvimento do comércio internacional, foi possível focar em outras áreas de investimento pouco vistas antes, que enfrentavam crises internas e continuavam negligenciadas, devido à falta de urgência para suas soluções, visto que o país não enfrentava diretamente problemas que precisavam do avanço da segurança. Assim, com essa abertura, a defesa nacional entrou em tópico (Borelli; Peron, 2017), na década em que esse era um dos temas mais abordados.

Os levantamentos de dados realizados pelo Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (IBGE), demonstram uma melhora nos âmbitos sociais gerais, como diminuição no número de desemprego, aumento do acesso a serviços básicos e da compra de bens duráveis, que funcionam para auxiliar a vida das pessoas, como a TV, geladeira e máquina de lavar (Agência IBGE Notícias, 2010).

Durante esses processos, houve uma maior integralização de produtos tecnológicos no país e, com o processo de melhora da situação econômica, foi possível realizar maior acesso à população com a internet e produtos tecnológicos, como o telefone celular (Agência IBGE Notícias, 2010). Assim, a população brasileira começa a se conectar de forma mais ativa às novidades de um século tecnológico.

A situação do Brasil, nesse período, não era de destaque ou desenvolvimento marcante para a criação de uma imagem na qual se tornasse uma potência considerável, capaz de assegurar a sua independência, pois continuava recebendo influência do exterior sob a sua realidade. Os países da América Latina ficam expostos a uma realidade em que, a sua região sofre para prosseguir e alcançar os ideais impostos na Nova Ordem Mundial, tentando lidar com as consequências da desigualdade em suas terras que são incentivadas pelos Estados Unidos (Rodrigues, 2018).

Dessa maneira, aumenta a possibilidade de influência por parte do país que afirma espalhar oportunidades e esperança, que continua mantendo uma relação de boa vizinhança na intenção de fortificar o seu poder nessa parte do mundo. Porém, a intenção está vinculada a necessidade de manter a inferiorização para a supremacia.

Assim, a sua inserção nas terras brasileiras não ocorre apenas com investimento financeiro ou envolvimento político, mas também com a disseminação de ideias, com um domínio cultural. A circulação de informações e estilo de vida são transportados pelas mídias há décadas, visto que, desde o início do incentivo do consumo de produtos internacionais em terras brasileiras, o entretenimento e o consumismo são incentivados, conseguindo se popularizar no Brasil (Oliveira, 2019).

2.2. Breve histórico do contexto político e econômico nos EUA (ênfase nas duas Guerras - Iraque e Afeganistão)

Os Estados Unidos da América são uma potência que começou a construir sua influência durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e, apesar de terem utilizado vários fatores para obter esse resultado, um dos mais promissores foi a adoção da mídia para moldar sua imagem. O fato ocorreu nesse momento e se concretizou no próximo evento que enfrentou, a Guerra Fria (1947-1991), sendo definida como guerra ideológica, ao conseguir vencer na disputa de narrativas e garantir uma hegemonia no pós-guerra.

A formulação de Nye sobre *soft power* permite compreender como, ao longo do século XX, os Estados Unidos buscaram influenciar outros países não apenas por meios militares ou econômicos, mas sobretudo pela capacidade de moldar preferências, valores e percepções. Nesse sentido, a Política da Boa Vizinhança, voltada para a América Latina, constitui um exemplo emblemático de uso estratégico desse poder brando, ao promover imagens positivas dos EUA e estimular a adesão cultural e política de seus vizinhos. Nesse contexto, a chamada americanização do Brasil pode ser interpretada como um instrumento dessa influência

simbólica, contribuindo para fortalecer a hegemonia norte-americana no período do pós-Segunda Guerra, ao integrar o país a um projeto mais amplo de alinhamento ideológico, cultural e geopolítico que consolidou a liderança dos EUA no sistema internacional (Galdioli, 2008, p. 10).

Com a presidência de Bill Clinton, responsável por direcionar seu mandato em busca de validação enquanto aperfeiçoa seu poderio militar, ocorre o investimento em invasões, propagando uma mensagem democrática vinculada a essa atitude.

Uma das marcas dessa administração foi a utilização da doutrina da intervenção humanitária, mais tarde conhecida como “Doutrina Clinton”, na qual os EUA e seus aliados subalternos se atribuíram o direito da intervenção militar em regiões do mundo em que os direitos humanos estivessem sendo violados por guerras ou governantes. Cabe pensar um pouco sobre o caráter fundamental dessas intervenções militares, supostamente realizadas em defesa de causas humanitárias. Há um conjunto de interesses estratégicos dos EUA e seus aliados que vão além das preocupações humanitárias (Santos, 2006, p. 56)

Seguindo uma trilha intencional na demarcação de força do território dos Estados Unidos, George W. Bush entrou na presidência entre 2001 e 2009, ao conseguir vencer uma disputa acirrada para a presidência contra Al Gore, na qual houve pedido de repetição na contagem de votos (Storti, 2009). Foi o comandante do país em grandes momentos históricos, como o atentado de 11 de setembro de 2001 e o início da luta contra o terrorismo internacional no âmbito político.

Após o acontecimento e as medidas protetivas para o bem da segurança mundial, o país começou a enfrentar o Afeganistão, informando que era contra as instalações do Al Qaeda e alegando que Osama Bin Laden estava sendo protegido naquela região, o principal inimigo do país na época (Storti, 2006). Assim,

A operação ‘Liberdade Duradoura’ foi pouco questionada, tanto doméstica quanto internacionalmente. Sua legitimidade estava garantida na medida em que correspondia a uma ação de autodefesa contra um ataque posterior. Com isso, os EUA obtiveram apoio internacional maciço, tanto de países tradicionalmente aliados quanto de outros tais como Rússia e China e organismos internacionais (Storti, 2006, p. 190).

Outra guerra iniciou com a mesma intenção, contra o Iraque, servindo como *outdoor* para informar que aquela nação era “hostil” pois possuía armas químicas poderosas capazes de serem usadas contra os EUA violando os direitos humanos (Storti, 2006).

Esta tática levantou uma série de críticas que pontuam que este tipo de campanha não corresponde aos objetivos do conflito instaurado contra o Iraque. Para alguns países árabes e muçulmanos, bem como para países ocidentais, Shock and Awe significa terrorismo com outro nome, causado pelo Estado norte-americano contra a população iraquiana, o que levantou uma série de protestos contrários à invasão (Storti, 2006, p. 198).

A aprovação, em 14 de setembro de 2001, da Autorização para o Uso da Força Militar contra Terroristas marcou a primeira resposta institucional dos Estados Unidos aos atentados de 11 de setembro. Sancionada pelo presidente George W. Bush em 18 de setembro, essa medida concedeu ao Executivo poderes amplos para empregar as Forças Armadas contra os responsáveis pelos ataques e contra qualquer ator estatal ou não estatal que lhes oferecesse abrigo. No plano internacional, a reação ganhou novo desdobramento em 20 de dezembro de 2001, quando o Conselho de Segurança da ONU autorizou a criação da Força Internacional de Assistência à Segurança (ISAF), destinada a apoiar a Autoridade Interina Afegã na manutenção da ordem em meio ao colapso institucional do país. Em 11 de agosto de 2003, já no contexto da invasão do Iraque e da ampliação das operações militares ocidentais, o comando da ISAF foi transferido para a OTAN, consolidando a centralidade da aliança atlântica na condução das intervenções no Afeganistão e na reconfiguração da segurança global pós-11 de setembro (Thorp, 2010; Felbab-Brown, 2012).

Instalações de treinamento e sistemas de defesa aérea do Talibã foram alvos de intensos bombardeios realizados por forças dos Estados Unidos, que empregaram tanto aeronaves de combate quanto helicópteros Apache da 101ª Brigada de Aviação de Combate. Navios de guerra norte-americanos, com o apoio de submarinos da Marinha Real Britânica, também dispararam mísseis de cruzeiro Tomahawk. As primeiras investidas concentraram-se em Cabul, Jalalabad e Kandahar. Em poucos dias, grande parte dos centros de treinamento foi severamente atingida, e as defesas antiaéreas ficaram praticamente neutralizadas (Tanner, 2009; George W. Bush Library, 2001; Ruchel; Vieira, 2021; Hussain, 2022).

A estratégia militar priorizou estruturas de comando, controle e comunicação, com o objetivo de comprometer a coordenação operacional das forças talibãs. Ainda assim, a linha de frente permanecia sob responsabilidade da Aliança do Norte, e os resultados no terreno mostravam-se limitados nas semanas iniciais. Diante das dificuldades de avanço, a Aliança solicitou que os ataques aéreos fossem direcionados de maneira mais incisiva às posições de combate (Tanner, 2009; Ruchel; Vieira, 2021).

Na etapa seguinte, caças-bombardeiros F/A-18 Hornet passaram a realizar ataques de precisão contra veículos e alvos estratégicos do Taliban, enquanto outras aeronaves intensificaram os bombardeios com bombas de fragmentação. No início de novembro, foram empregados armamentos de grande impacto, como as bombas “daisy cutter”, além da atuação de aeronaves AC-130 fortemente armadas. Paralelamente, combatentes da al-Qaeda assumiram a proteção de cidades afegãs (Tanner, 2009; Ruchel; Vieira, 2021).

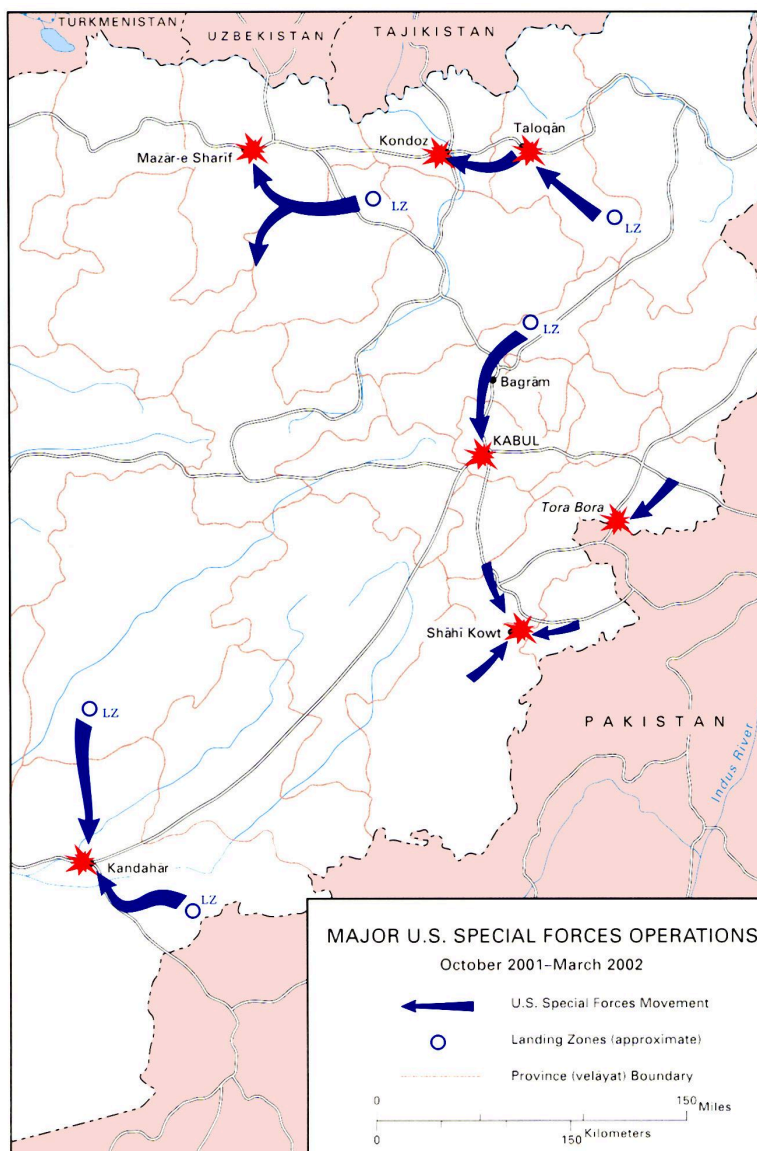
O plano da Aliança do Norte consistia em conquistar Mazar-i-Sharif para interromper as rotas de suprimento do Taliban e assegurar a chegada de equipamentos pelo norte, criando condições para um posterior avanço sobre Cabul. A captura da cidade representou um revés significativo para o Taliban e contrariou as expectativas iniciais do Comando Central dos Estados Unidos, que previa uma resistência prolongada (Tanner, 2009; Ruchel; Vieira, 2021).

Com a tomada de Cabul, desencadeou-se um efeito dominó sobre as posições talibãs. Em curto espaço de tempo, províncias situadas na fronteira com o Irã, como Herat, foram perdidas. Lideranças locais pashtuns assumiram o controle de áreas no nordeste, incluindo Jalalabad. No norte, combatentes talibãs (muitos deles voluntários paquistaneses) recuaram para Kunduz, que acabou cercada. Apesar da resistência de milhares de combatentes, a pressão militar levou à rendição após dias de combates intensos (Tanner, 2009; Ruchel; Vieira, 2021).

Enquanto os bombardeios se intensificavam em Tora Bora, Kunduz caiu, e integrantes estrangeiros ligados ao movimento foram evacuados antes da capitulação. Ao final de novembro, Kandahar permanecia como o último bastião do Taliban, sob crescente cerco. Parte da liderança refugiou-se no Paquistão por regiões montanhosas. A rendição de Spin Boldak simbolizou o encerramento do domínio talibã no país. Por fim, forças afegãs lideradas por Gul Agha ocuparam Kandahar, enquanto fuzileiros navais norte-americanos assumiram o aeroporto local e estabeleceram uma base militar (Tanner, 2009; Ruchel; Vieira, 2021).

O mapa das operações das Forças Especiais dos Estados Unidos no Afeganistão entre outubro de 2001 e março de 2002 evidencia a lógica estratégica que estruturou a fase inicial da Guerra ao Terror, marcada pela combinação de mobilidade aérea, alianças locais e ocupação seletiva do território. A distribuição dos pontos de desembarque (LZs) e das rotas de avanço mostra como as tropas norte-americanas se articularam com facções da Aliança do Norte para cercar centros urbanos estratégicos (como Mazar-e Sharif, Bagram e Cabul) enquanto pressionavam simultaneamente regiões montanhosas de difícil acesso, como Tora Bora e Shahi Kowt, onde se concentravam combatentes da Al-Qaeda e do Talibã.

Fig. 1: Mapa das operações das Forças Especiais dos EUA no Afeganistão (2001–2002)



Fonte: Stoker, 2024.

A presença de múltiplas frentes de incursão revela um esforço coordenado para fragmentar as linhas de defesa talibãs, controlar corredores logísticos e impedir a reorganização das forças insurgentes. Ao mesmo tempo, o mapa ilustra a dependência dos EUA de operações de precisão e de rápida projeção de força, características de uma guerra assimétrica que buscava minimizar ocupações prolongadas, mas que, paradoxalmente, inaugurou uma presença militar duradoura no país. Essa configuração espacial permite compreender como a geografia afegã, marcada por vales isolados, fronteiras porosas e centros urbanos dispersos, condicionou tanto o avanço inicial quanto os limites estruturais da intervenção norte-americana (Tanner, 2009; Ruchel; Vieira, 2021).

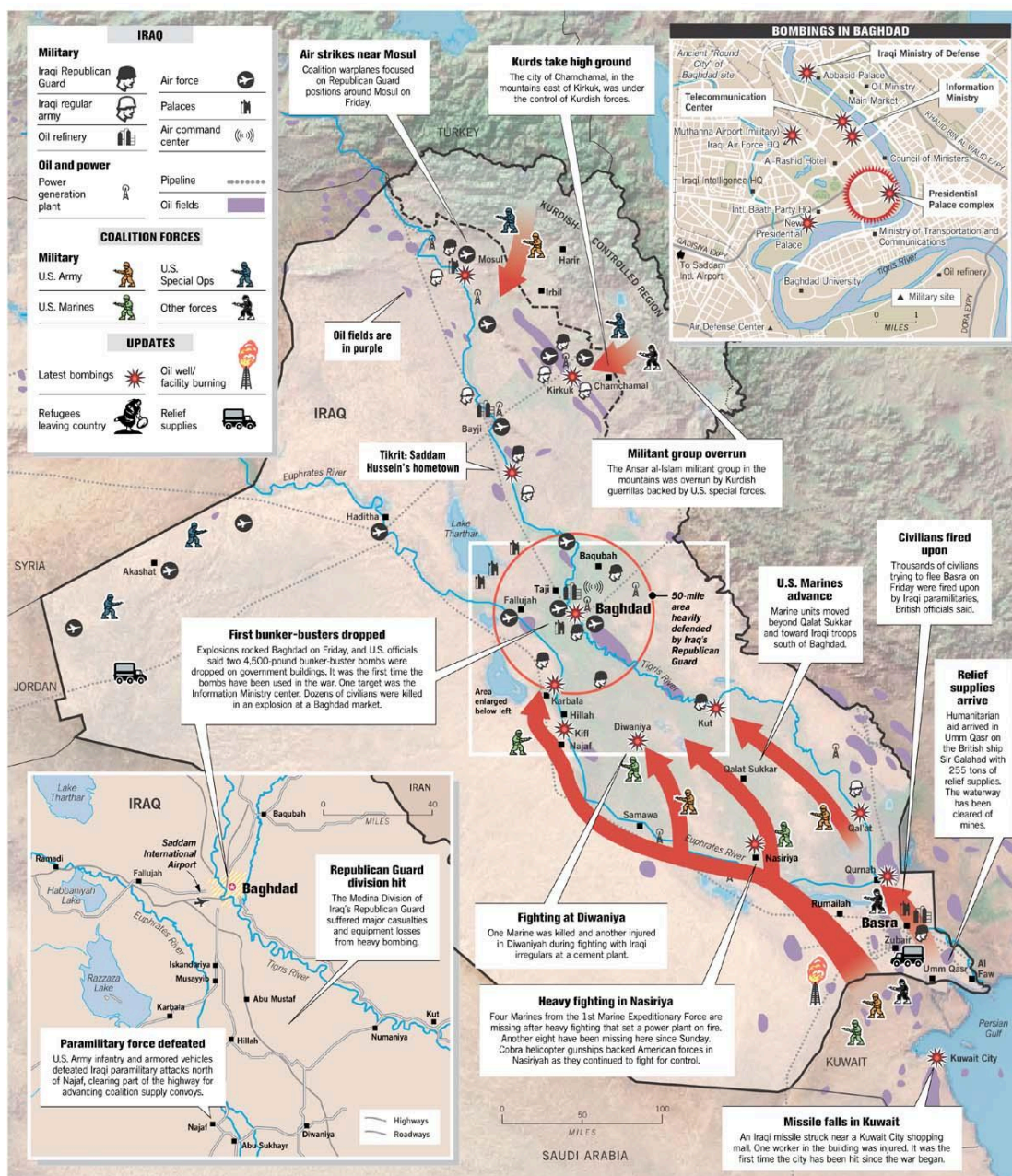
No caso da invasão ao Iraque, a ofensiva conhecida como Operação Liberdade Iraquiana, iniciada em 20 de março de 2003, representou o ponto de partida da intervenção militar norte-americana no Iraque, desencadeada após Saddam Hussein desconsiderar o ultimato que exigia sua saída do país (Duffrayer, 2019, p. 23).

Os bombardeios iniciais sobre Bagdá abriram caminho para o rápido avanço das forças da coalizão, culminando, em abril do mesmo ano, na tomada da capital e na derrubada da estátua do líder iraquiano, gesto que se tornou símbolo do colapso de seu regime. A captura de Saddam, encontrada em um esconderijo em dezembro de 2003, consolidou o fim de sua liderança, seguida por seu julgamento e execução em 2006. No entanto, a fase pós-invasão revelou-se profundamente instável: o país mergulhou em anos de violência sectária, insurgência armada e fragilidade institucional, enquanto a presença estrangeira enfrentava crescente resistência. A retirada oficial das tropas dos EUA em 2011 deixou um cenário devastado, com centenas de milhares de mortos e infraestrutura amplamente destruída. O vazio político resultante e a desestruturação do Estado iraquiano favoreceram o surgimento e fortalecimento de novos grupos armados, entre eles o Estado Islâmico, cujos quadros incluíam ex-militares do regime deposto, evidenciando as consequências duradouras da intervenção (Bresser-Pereira, 2003; Duffrayer, 2019).

A imagem do mapa da invasão dos Estados Unidos ao Iraque em 2003 revela a complexidade e a intensidade da operação militar que culminou na queda do regime de Saddam Hussein. A representação cartográfica detalha os avanços das forças da coalizão, especialmente dos Marines e das unidades especiais norte-americanas, evidenciando uma estratégia de cerco progressivo à capital Bagdá, com múltiplas frentes de combate em cidades como Nasiriya, Diwaniya e Hillah. A presença de símbolos militares e a indicação de bombardeios a infraestruturas críticas (como refinarias, usinas de energia e centros de comando) demonstram o caráter sistemático da destruição de capacidades estatais iraquianas, visando desarticular o aparato de defesa e controle político do regime.

Além disso, o mapa destaca a atuação de forças curdas no norte do país, em articulação com os EUA, o que revela a instrumentalização de atores locais na dinâmica da ocupação. A sobreposição entre objetivos militares e interesses energéticos é visível na marcação de campos petrolíferos e oleodutos, sugerindo que a infraestrutura energética foi simultaneamente alvo e ativo estratégico da intervenção. A inclusão de eventos como o uso de bombas bunker-buster, ataques a civis em fuga e a chegada de ajuda humanitária em portos como Umm Qasr reforça a ambivalência da operação, que combinava ações de guerra com tentativas de legitimação humanitária.

Fig. 2: Mapa da incursão militar dos EUA ao Iraque em 2003.



Fonte: Enciclopédia Global, 2018.

Essa cartografia não apenas documenta os movimentos táticos da guerra, mas também permite uma leitura crítica sobre os interesses geopolíticos envolvidos, os impactos sobre a população civil e a reconfiguração do espaço iraquiano sob lógica de ocupação.

Ambos os conflitos alcançaram ampla visibilidade na mídia internacional, mobilizando posicionamentos e apoios de diferentes nações. Nesse contexto, o discurso de combate ao terrorismo passou a ocupar lugar central na agenda ideológica global, contribuindo para a consolidação de estigmas direcionados às populações da região envolvida. Como consequência, observou-se uma redução na empatia e no suporte internacional a esses grupos, em um cenário no qual as discussões sobre direitos humanos tendiam a ser relativizadas quando o Ocidente se encontrava em confronto com o Oriente, sobretudo diante da assimetria de poder entre uma grande potência e um país em desenvolvimento (Duffrayer, 2019).

Encerrando esse ciclo, a eleição de Barack Obama, iniciado em 2009 e concluído em 2017, ocorreu em um contexto marcado pelos desdobramentos da grande crise econômica e pelo desgaste político acumulado ao final do governo Bush, especialmente em razão dos acontecimentos da década anterior que impactaram significativamente a sociedade norte-americana.

A reorientação da política externa norte-americana após a posse do novo presidente buscou afastar-se das iniciativas unilaterais que marcaram o governo George W. Bush e reparar o desgaste internacional provocado pelas guerras do Afeganistão e do Iraque. A impopularidade desses conflitos tornou-se um eixo central da campanha de Barack Obama, especialmente porque, mesmo antes da crise econômica de 2008, o envolvimento no Iraque já representava um enorme ônus político e financeiro. Segundo dados divulgados pela BBC em 2011, os gastos ultrapassaram 800 bilhões de dólares, em uma guerra sem perspectiva clara de encerramento, além de dezenas de milhares de militares norte-americanos mortos ou feridos. Esse cenário reforçou a necessidade de reconstruir a imagem dos Estados Unidos no exterior e de redefinir sua atuação internacional, enfatizando cooperação multilateral e redução do intervencionismo militar direto (Urzedo, 2019, p. 16-17).

A morte de Osama bin Laden em 1º de maio de 2011, encontrada em uma residência fortificada no subúrbio de Abbottabad, no Paquistão, marcou um ponto de inflexão simbólico na Guerra ao Terror, encerrando uma década de buscas pelo líder da Al-Qaeda. No entanto, o fim deste capítulo não significou a redução das tensões no Oriente Médio. A partir de 2014, diante da rápida expansão territorial do Estado Islâmico na Síria e no Iraque, o governo Barack Obama anunciou uma nova campanha militar, solicitando ao Congresso, em 2015, autorização formal para o uso da força contra o grupo. A hesitação inicial das potências ocidentais em intervir de forma mais contundente permitiu que o EI consolidasse controle sobre vastas áreas, impondo violência sistemática e provocando o colapso de estruturas

estatais locais. Esse cenário desencadeou uma das maiores ondas migratórias do século XXI, com milhões de pessoas deslocadas internamente ou buscando refúgio em países vizinhos e na Europa, evidenciando como a combinação entre atraso na resposta internacional e a ascensão de grupos extremistas produziu impactos humanitários de grande escala (Vieira, 2012, p. 32; Urzedo, 2019, p. 19).

A influência dos acontecimentos geopolíticos do início dos anos 2000 - especialmente a Guerra ao Terror, as invasões do Afeganistão e do Iraque e o clima de vigilância e polarização política - foi decisiva para a concepção do roteiro de Guerra Civil (2006–2007) da Marvel. A HQ nasce em um ambiente cultural marcado pelo medo, pela desconfiança e pela expansão do aparato estatal de controle, refletindo debates reais sobre segurança nacional, liberdade individual e legitimidade do poder governamental. A lógica de “quem vigia os vigilantes?”, intensificada após o 11 de Setembro, ecoa diretamente no Registro de Super-Humanos, que funciona como metáfora para leis como o Patriot Act, que ampliaram a vigilância e reduziram liberdades civis em nome da segurança. Da mesma forma, a divisão entre heróis (com o Homem de Ferro defendendo a regulação estatal e o Capitão América resistindo à perda de autonomia) espelha a cisão política norte-americana entre defensores da intervenção militar e críticos do unilateralismo dos EUA. A própria estética da guerra preventiva, presente nas campanhas no Afeganistão e no Iraque, aparece na narrativa como justificativa para ações extremas, vigilância constante e punições antecipadas. Assim, Guerra Civil não apenas absorve o clima de tensão e controle pós-2001, mas transforma esses elementos em conflito moral e político dentro do universo Marvel, funcionando como comentário crítico sobre os limites do poder e o custo das liberdades em tempos de crise.

3. CORPOS FEMININOS E RELAÇÃO DE PODER NA HQ: PLANOS DE CONQUISTA

Ao analisar o plano de domínio cultural dos Estados Unidos sobre outros países (especialmente, aqueles da América Latina), é importante destacar que não é limitado apenas a uma questão geopolítica, mas a necessidade de criar ideologias definitivas para designar o destino e a função de determinados grupos, visto que essa estratégia torna-se essencial para a manutenção de seu sistema econômico e social.

Para o capitalismo, é essencial a existência de mão-de-obra para a realização dessa ação, além disso, a alienação proposta é responsável por reforçar a idealização sobre a finalidade de cada ser humano dentro desse paradigma e diversos fatores sociais criam uma narrativa para essas motivações. Momento em que o conceito de representação social, elaborado por Chartier (1990), serve como um lente interpretativa no debate, orientando a compreensão das formas que incidem na manutenção das relações de poder.

A perspectiva de Chartier entende a representação como o mecanismo por meio do qual indivíduos ou grupos atribuem sentido ao mundo social, produzindo interpretações que nunca são neutras, mas orientadas por interesses e estratégias específicas. Trata-se de um processo intencional de construção simbólica que opera simultaneamente no plano cultural e no sociopolítico, pois envolve disputas por legitimidade, autoridade e visibilidade. Nessa abordagem, as representações constituem parte fundamental dos discursos, que são compreendidos como práticas sociais carregadas de intencionalidade e vinculadas a posições e projetos de poder. Assim, representar não é apenas descrever a realidade, mas intervir nela, moldando percepções, organizando significados e influenciando comportamentos dentro de um campo social marcado por conflitos e assimetrias (Chartier, 1990; Carvalho, 2005; Machado, 2014).

As abordagens são complexas, havendo diversos pontos a serem discutidos, refletindo uma extensa cadeia de impressões imposta aos seres humanos, envolvendo, desde a sua persona física, até os seus comportamentos. Mas, nesse contexto, principalmente, o controle corporal impacta na alienação para prosseguir com a ideia da família patriarcal, vinculada com a necessidade da produção de novas vidas para a sustentação e a valorização do capital (Lima, 2025).

A partir desse ponto, manifesta-se a “fabricação da mulher” através da idealização da personalidade, atos e físico. A filósofa Judith Butler (2018), conhecida por seus estudos acerca da temática, aborda a performatividade em torno do gênero não como algo natural, mas

construída partindo de ações repetitivas e a maneira como a cultura está fortemente associada ao processo, definindo uma linha de atitudes que, involuntariamente correspondem ao feminino ou masculino, estabelecido socialmente.

Partindo disso, os corpos femininos percorrem um caminho inevitável de pré-concepções e exigências que figuram na mentalidade dos homens sobre o que é esperado ser visto nas mulheres, tanto pelo físico, quanto pela vestimenta, reduzindo a sua vida em função da família e reprodução. E apesar de ter ganho mais espaço na sociedade, na segunda metade do século XX e primeira do século XXI, as lutas não foram suficientes para garantir respeito a sua individualidade e impedir a sexualização de seus corpos.

A sustentação desse ideário é estabelecida para alcançar o público e lucrar com esse fascínio, principalmente, do masculino para a manutenção desses valores de sujeição feminina. Isso porque são homens que majoritariamente estão no controle da sociedade, os ambientes de poder estão sob seu domínio, enquanto as mulheres são destinadas a sofrer as consequências dessa liderança, impostas a uma posição de subordinação, os seus corpos e suas vidas são pensados como apêndice complementar à personalidade e aos vazios na vida dos homens³.

Por isso, gênero e sexualidade estão vinculados a essa problemática, pois ambos são responsáveis por distinguir uma pessoa da atribuição de preceitos, marcando a sua luta contra um sistema perverso que limita a sua existência. Isso porque

[...] da infância à velhice foi definida uma norma do desenvolvimento sexual e cuidadosamente caracterizados todos os desvios possíveis; organizaram-se controles pedagógicos e tratamentos médicos; em torno das mínimas fantasias, os moralistas e, também e sobretudo, os médicos, trouxeram à baila todo o vocabulário enfático da abominação: isso não equivaleria a buscar meios de reabsorver em proveito de uma sexualidade centrada na genitalidade tantos prazeres sem fruto? Toda esta atenção loquaz com que nos alvoroçamos em torno da sexualidade, há dois ou três séculos, não estaria ordenada em função de uma preocupação elementar: assegurar o povoamento, reproduzir a força de trabalho, reproduzir a forma das relações sociais; em suma, proporcionar uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora? (Foucault, 1988, p. 37-38).

Dessa forma, se evidencia que, para o sistema, não existe a possibilidade de uma liberação das mulheres dessas amarras sociais, pois a consistência no controle da imagem feminina interessa à continuidade dos objetivos de procriação, enquanto mantém esse grupo à deriva da sociedade.

³ Esses vazios são emocionais, sociais e existenciais, gerando consequências diretas em sua saúde mental e qualidade de vida dos homens em razão da necessidade de conformarem-se a padrões rígidos de masculinidade tóxica (Ciochon, 2026).

Nesse momento, a produção midiática fica em evidência. Os meios de entretenimento tornam-se eficazes em seu alcance para reforçar um dado pensamento por meio das suas representações sociais, utilizadas em ambientes excludentes para permanência do enquadramento destes como minorias. Todavia, nos anos 2000, as intenções das imagens estavam focadas em manipular a presença feminina em questões políticas e sociais.

A atuação dos Estados Unidos sobre os meios culturais revela um uso estratégico da cultura *pop* como ferramenta de influência global, especialmente a partir dos anos 2000, quando esse setor já estava plenamente integrado à lógica da industrialização cultural. Nesse contexto, produtos midiáticos de grande circulação (filmes, séries, quadrinhos, música e demais expressões do entretenimento) passam a ser concebidos como bens culturais de amplo alcance, moldados por dinâmicas de consumo de massa que se consolidaram ao longo do século XX. Esse processo amplia o potencial de difusão de representações alinhadas a interesses políticos e ideológicos, permitindo que tais produções funcionem não apenas como entretenimento, mas como instrumentos de construção de imaginários sociais e de legitimação de determinadas visões de mundo. Assim, o utilitarismo cultural norte-americano se manifesta na capacidade de transformar a cultura *pop* em um vetor de poder simbólico, capaz de influenciar percepções, comportamentos e consensos em escala transnacional (Rocha; Vargas, 2021).

Assim, a estética dos anos 2000 pode ser compreendida como um dos produtos mais emblemáticos do processo de alienação cultural associado à expansão da cultura *pop* industrializada. Nesse período, formas de expressão como música, cinema, moda e mídias digitais passaram a ser produzidas em larga escala e moldadas por lógicas de mercado que buscavam não apenas entreter, mas capturar emocionalmente o público por meio de identidades compartilhadas. Essa estética, marcada por forte apelo visual, narrativas simplificadas e consumo rápido, funcionou como um mecanismo de integração simbólica, capaz de criar um sentimento de pertencimento entre consumidores que se reconheciam em tendências, estilos e referências comuns. Ao mesmo tempo, essa dinâmica reforçou a formação de comunidades de fãs e grupos de interesse, cuja coesão se estruturava em torno de produtos culturais massificados. Assim, a estética dos anos 2000 não apenas refletiu transformações tecnológicas e midiáticas, mas também consolidou um modelo de engajamento cultural que favorecia a adesão acrítica e a reprodução de valores hegemônicos, ampliando o alcance da influência cultural norte-americana (Soares, 2014).

O mundo que nos cerca está intrinsecamente conectado à cultura pop e a seus produtos. Nossa apreensão do mundo e, portanto, a execução de práticas

e ritos estão intimamente ligadas à comunicação na indústria do entretenimento. Os textos da cultura pop nos rodeiam continuamente, influenciando em outras esferas culturais do nosso cotidiano. A cultura pop se comunica conosco (Rocha; Vargas, 2021, p. 42)

A cultura de massa busca exportar conteúdos que consigam gerar identificação por parte dos consumidores, as suas produções buscam ter proximidade com a realidade, contudo, o corpo feminino não segue essa linha, visto que está exposto a sexualização excessiva, em uma moda e a venda de um modelo inalcançável que cria idealizações sobre como uma mulher deve ser e agir (Carrera, 2024). Logo, o corpo feminino ao ser vinculado às teorias da utilidade social tem seu potencial é ignorado, sendo exibido e vendido comercialmente.

Assim, um resultado desse período é a propagação do machismo e da misoginia, a objetificação que silenciava e distorcia suas personalidades, ao passo em que produtos eram vendidos com uma idealização que afetava diretamente a vida de pessoas comuns levando-as a serem vitimadas por violências físicas ou psíquicas.

A idealização de corpos femininos difundida pela mídia e pelas redes sociais opera como um mecanismo de representação que produz sentidos sobre o que é considerado desejável, aceitável ou valioso no corpo das mulheres, funcionando como um dispositivo cultural e sociopolítico. A construção desses padrões, altamente editados, homogêneos e frequentemente inatingíveis, não apenas molda percepções individuais, mas também reforça hierarquias simbólicas que associam valor feminino à aparência física. Esse processo, articulado à lógica da cultura pop e da indústria da beleza, transforma o corpo em objeto de vigilância constante, gerando ansiedade, auto-objetificação e insatisfação corporal crônica. Como prática discursiva, essas representações não são neutras: elas expressam interesses econômicos e ideológicos, alimentam mercados bilionários e produzem subjetividades marcadas pela comparação permanente e pela busca incessante por um ideal inalcançável. Assim, o impacto psicológico negativo (que pode incluir baixa autoestima e o desencadeamento de transtornos mentais) não é um efeito colateral, mas parte estrutural de um sistema que lucra com a insegurança feminina e com a manutenção de padrões estéticos excludentes (Silva; Santos; Silva, 2023).

3.1. Ligação entre Hollywood e maior popularização das HQs

As Histórias em Quadrinhos são um produto da cultura *pop* e, assim como em outros segmentos, conseguem reunir admiradores que consomem os seus conteúdos, além dos outros produtos que emergem a partir dos personagens originais.

A sua formulação parte da criação de uma história contínua realizada com imagens, que seguem uma sequência de fatos, com balões para falas, que recebem formatações dependendo da emoção que a fala deseja expressar, variando entre os sentimentos existentes. Como também, linhas para separar cada espaço entre as ações. As possibilidades de execução são diversas, nas quais o próprio autor deverá escolher o que representa a personalidade das páginas escritas (Santos, 2015).

O início da aparição dessas histórias ocorreu no século XIX, surgindo em jornais, realizando críticas articuladas com o humor, enquanto as publicações em editoras específicas aconteceram no século posterior com lançamentos de produtos internacionais. Destacando-se as empresas que trabalharam com os super-heróis como Marvel Comics e DC Comics (Vergueiro, 2017).

Hollywood é a parte mais fortificada nesse contexto, conseguindo influenciar os demais meios de comunicação com a interação advinda do cinema. Filmes não eram a única maneira de realizar essa ação, mas a imagem era um dos serviços mais eficazes, e estava em todos os lugares, sendo sua propagação mais facilitada devido ao movimento de globalização.

La primera década del siglo XXI se identificó como una en la que la moda, la música, el cine y la farándula de Hollywood eran el centro de atención del momento, con un público expectante y atento a amplificar cada primicia que las revistas y programas de chismes de celebridad decidían sacar al aire (Carrera, 2024, p. 46).

Liderando diversos segmentos, a indústria cinematográfica continha o poder de influenciar tendências com as atividades descritas em suas obras. E ao difundir conteúdo vinculado ao cotidiano popular, começa a controlar e guiar os desejos profundos da sociedade, seduzida pelo consumismo e idealizações. Seus ideais estavam sendo espalhados em todos os lugares e ganhando grandes proporções, visto que estavam no centro do mundo nesse momento em todos os âmbitos.

Com essa fórmula, muitas empresas conseguem destacar o seu papel, como a Marvel Entertainment, com o filme *Homem de Ferro* (2008), protagonizado pelo ator Robert Downey Jr., uma *live-action* dos heróis que chegou aos cinemas, marcando a sua entrada definitiva nesse mercado. Assim, uma nova era de influência surgia dentro desse sistema, que alcançou um grande público nos cinemas internacionais, como no Brasil que tornou-se uma das maiores bilheterias do ano (Database Brasil, 2008).

Com a sua popularização nesse formato, o consumo de produtores variados tornou-se tendência, o que incentiva o consumo das histórias originais presentes nas revistas. Uma das histórias destaques da década de 2000, foi “Guerra Civil I”, obra que, posteriormente, chegou

aos cinemas com o título “Capitão América: Guerra Civil” (2016), dirigido por Anthony Russo e Joe Russo, e por seu alcance mundial, mobilizou a admiração pela obra em questão.

A HQ foi lançada em 2007-2008, pela editora Panini, com a trama focando na divisão do mundo dos heróis após ocorrer uma fatalidade envolvendo um grupo pequeno de super-humanos que apresentavam um *reality show*, no qual as suas atividades diárias eram expostas para ganhar audiência e fama. Ao decidirem enfrentar vilões que estavam fora da sua capacidade de defesa, houve um trágico desfecho, resultando em uma explosão que vitimou um bairro com pessoas inocentes e mobilizou o país, o que incentivou uma ação contra a liberdade de pessoas com poderes sem controle pelo governo.

No geral, o objetivo é o debate sobre qual lado seguir, do Homem de Ferro que incentiva o acordo com o governo ou do Capitão América, que recusa o controle governamental. Isso gera uma discussão sobre divisões políticas e ideológicas, interesses pessoais e de imagem, e violência. Assuntos que surgiram em um período com as mesmas problemáticas e divergências como tendência da década.

Por isso, a HQ torna-se relevante para a área de pesquisa, sendo uma das fontes acessíveis para a veiculação de idealizações por meio das suas representações físicas e dialéticas. Ao trabalhar com mais de um sentido em suas produções, sendo a imagética e narrativa, conseguem acessar a população leitora de forma ampla. Isso porque

O leitor da HQ não é polo passivo. O ato de ler é um ato criador à sua maneira. Os leitores de HQ se apropriam, de diferentes maneiras, dos personagens e das histórias que lhes chegam às mãos, como também o fazem os espectadores de Cinema e os leitores de Literatura. Por isso, muitas vezes (ou sempre) a própria Indústria que produz a HQ procura antecipar as tendências de recepção de uma realização-HQ, ou para ampliar seus lucros nas vendas, ou para se relacionar dialeticamente com estas tendências de recepção da HQ impondo-lhe novas direções (Barros, 2023, p. 417- 418)

Diante da reflexão de José D’Assunção Barros (2023), é importante ressaltar a capacidade recreativa do leitor de histórias em quadrinhos de interpretar e produzir conhecimento com essa forma de linguagem. E assim como qualquer outra categoria de entretenimento, as HQs fazem parte da cultura pop e espelham o que acontece socialmente.

Sob esse aspecto entende-se a HQ “Guerra Civil I” na perspectiva do conceito de “transmídia”, ou seja, como uma estratégia de comunicação e narrativa em que uma história ou universo ficcional é contado através de múltiplas plataformas e formatos de mídia (Jenkins, 2011).

3.2. O poder expresso na HQ

O poder pode ser expresso de diferentes formas, e o dicionário (Houaiss UOL) demonstra um ramo de significados que expõe o fato de um indivíduo estar no controle ou ter a possibilidade de dominação sobre outros. As suas possibilidades de definição podem ser variadas, mas reflete o intuito de exercer supremacia sobre os demais.

A força não precisa, necessariamente, ser compreendida como um ato físico, mas aquele que comprime a presença de algo e consegue determinar a sua ação por meio da autoridade. Dentro da sociedade, essa mesma atitude ocorre quando grupos autoritários agem contra aqueles historicamente minorizados, e alguns estão sujeitos a inferiorização e controle para reforçar ideias que relembram sua posição em relação ao poder.

A existência dessa diferenciação está presente na relação do uso do corpo dentro da sociedade. Foucault (1988) aborda em sua obra sobre sexualidade e a maneira como o controle social é vinculado às vidas privadas, o uso das formas físicas para o alcance dos objetivos do Estado. Ideologias acerca dos gêneros são realizadas para manter esse controle social por meio da pressão para manter a hierarquia, liderada por homens.

O mecanismo de segregação social e determinação da liderança está figurado na formação criada no imaginário popular sobre as possibilidades e os papéis exercidos. Esse enraizamento deve-se a um longo processo em que

O papel atribuído à mulher e ao homem em nossa sociedade é produto histórico e cultural desta mesma, de seus valores e costumes, e mantém correlação com a estrutura e forma de organização social, econômica e política (Pudenzi; Silva, 2021, p. 57).

A representação social nas mídias estabelece a relevância dessa atividade, pois ao se propor a fortalecer a união da ficção com a realidade, a forma como reproduz suas informações determina a sua logística em relação a um assunto que, não necessariamente, precisa ser debatido em cena.

Apresenta-se todo o aparato midiático como o próprio poder, não só por seu papel social (ou a quem serve), mas porque assim é visto pela sociedade, que o identifica como algo superior, portador/definidor da realidade (e não uma representação desta), revelador da verdade e responsável pela criação das autênticas autoridades dos tempos atuais (Brittos, Gastaldo, 2006, p. 122)

Ao escrever uma HQ envolvendo a temática de política e crise ideológica entre um grande número de super-humanos, espera-se analisar a participação e envolvimento reflexivo de todos os personagens envolvidos. Há a possibilidade de o leitor desenvolver uma postura crítica que amplia sua capacidade de interpretar conflitos e desafios presentes na vida social,

permitindo-lhe compreender como suas próprias habilidades podem ser mobilizadas diante de situações de crise. Ao entrar em contato com narrativas que problematizam responsabilidades, escolhas e consequências, o indivíduo passa a refletir sobre seu papel na coletividade e sobre as implicações éticas de suas ações, fortalecendo sua autonomia intelectual e sua atuação consciente no espaço social.

Com isso, a manifestação do poder em cada um que reside nas páginas é investigada, e se é um problema que afeta a realidade de um grupo extenso, todos têm a possibilidade de escolher qual lado apoiar e lutar pela sua verdade. Diante da morte de inocentes, tentativa de envolvimento governamental e prejuízos para o mundo heróico, existe uma demanda de posicionamentos firmes e diálogos que problematizem criticamente e de forma ética a temática.

Porém, existe uma diferenciação entre os argumentos e posturas expostos em cena. No momento em que um herói masculino entra em cena, há um destaque envolvendo melancolia e o sentimento sobre a situação a ser relatada, a angústia e a falta de esperança ao ver que, aqueles que garantem oferecer paz e proteção, agiram de maneira errônea, o que desencadeou mortes de cidadãos inocentes por imaturidade. Porém, a representação feminina não segue a mesma intencionalidade.

Fig. 3: Homem de Ferro e Capitão América no lugar do acidente.



Fonte: Millar; et al., 2007.

Esse momento é representativo para a história, pois o Capitão América, que carrega o símbolo dos Estados Unidos em sua vestimenta, com a bandeira rasgada e queimada aos seus

pés, representava a fragilidade em que encontrava o país no momento, fora da ficção⁴. A seriedade e os argumentos estão centralizados nas figuras masculinas, em todos os capítulos, eles são os protagonistas dos debates, enquanto as personagens femininas recebem pouco destaque e, mesmo quando conseguem, o seu corpo é o único considerado relevante.

Figura 4: Mulher-Hulk e Tigra com foco em partes dos seus corpos, com falas sem grande relevância.



Fonte: Millar et al., 2007.

Os dois recortes apresentam perspectivas diferentes sobre a demonstração de presença e poder dos personagens, enquanto os homens estão preenchendo a maioria das páginas em todos os capítulos, levando as suas ideologias para o público, as personagens femininas recebem pouco espaço para realizar a mesma função, e a quantidade daquelas que conseguem alguma visibilidade ao decorrer da obra é limitada ao número de 3, sendo elas, Comandante Hill, como líder da SHIELD, Mulher-Hulk e a Mulher-Invisível.

A heroína verde na imagem recebe um maior papel no início da obra para abordar as suas perspectivas em relação ao tratado que estava sendo assinado com o governo, devido a sua profissão de advogada, as suas opiniões foram relevadas por abordar esse meio jurídico.

⁴ Buscando o mundo pós 11 de setembro de 2001.

Porém, enquanto participa da cena, a importância do foco imagético é destinada às suas curvas corporais.

Os autores Valério Brittos e Édison Gastaldo (2006) abordam a relação da carreira de publicitários, os seus produtos e a influência para manter uma hierarquia entre poderes, visto que, ao analisarem que o corpo feminino identificam que este consegue alcançar o público com a venda da sua imagem sexualizada e irreal, apoiando uma ideia que, inevitavelmente, fortalece uma hierarquização social de gênero.

Apesar de serem segmentos midiáticos alternativos, os meios de entretenimento exibem os seus produtos com a mesma lógica, as representações não são realizadas em consonância com o público feminino, outrossim, a sua presença é pensada para a satisfação de do grupo masculino, menosprezando e silenciando as participações femininas.

O espaço de poder não é direcionado às mulheres nesse ambiente, ao invés disso, as suas imagens são manipuladas para atrair atenção para a forma como um corpo feminino é idealizado esteticamente, em padrões físicos com traços irreais que afetam a maneira como uma mulher é vista fora da ficção. Por isso

as mulheres – cada mulher – em nossa sociedade vivem sob a constante ameaça da denegação de seu valor a partir de um juízo sobre aspectos de sua corporalidade. Esta forma particularmente perversa de controle social conduz mulheres a um permanente estado de insegurança corporal, a partir da introjeção do olhar vigilante/julgador de um outro implacável (Brittos; Gastaldo, 2006, p. 130).

Além de qualquer dificuldade enfrentada dentro do campo social, o gênero feminino participa como alvo da submissão e do silenciamento expresso por meio das suas representações. A maneira de demonstrar o poder não se limita apenas às relações físicas, mas a sua ação nos ambientes sociais.

Observa-se a predominância de uma masculinidade hegemônica na cultura da guerra, que também se manifesta na construção imagética do sujeito combatente, ao passo que aos gêneros são atribuídas representações estereotipadas. Mesmo quando inseridas em funções militares, as mulheres permanecem quantitativamente minoritárias e historicamente enfrentaram resistência institucional à sua incorporação às forças armadas. Tal oposição foi frequentemente justificada por argumentos baseados na suposta “fragilidade” feminina, concebida como fator de risco tanto para elas próprias quanto para os homens com os quais atuariam em seus regimentos (Goldstein, 2001; Tickner, 2001; Via, 2010).

4. MISOGINIA NORTE-AMERICANA NA VISUALIDADE NARRATIVA DA HQ: INVASÃO DO BRASIL

A misoginia é definida como “ódio ou aversão às mulheres” (Houaiss UOL, 2026). A sua prática ocorre por meio de um ato odioso, podendo estar inserido dentro de falas ou atitudes perversas, em que, com o intuito de diminuir a sua relevância ou limitar a atuação, profere mensagens que caracterizam os pensamentos envolvidos de convicções estipuladas nessas ideias enraizadas ou ações agressivas que causam medo ou fatalidades nas vítimas.

As mulheres estão frequentemente expostas a violência originada por causa de ideais que surgem ao encarar a figura feminina e as expectativas dos seus comportamentos. A autora Silvia Federici (2017), discute a ocorrência da queima das bruxas, a sua relação com o imaginário popular propagado por figuras influentes do período e a forma como conseguiu criar um medo e rejeição perante aquelas que não seguiam o que era esperado socialmente. Aquele momento da história, narra um genocídio contra um grupo inferiorizado e fragilizado por idealizações que ocorrem devido a necessidade de manter o controle sobre esses corpos e, dessa forma, conseguir alcançar o objetivo com a manutenção do domínio da psique humana.

Apesar da situação explícita e o grande número de mulheres mortas neste atentado extenso, as pessoas costumam encarar essa história como algo pertencente ao folclore (Federici, 2017). A dor feminina causada pelo aproveitamento da vantagem de outros grupos sobre o seu, determinando conceitos e o sentimento nutridos perante aos seus indivíduos, é ignorada constantemente e, a ocorrência dessas agressões é reformulada no tempo em que acontece.

Desde o seu nascimento, as mulheres são inseridas em um sistema que procura enquadrar a sua personalidade e prepará-las para, futuramente, serem capazes de cumprir suas funções pré-determinadas como esposas, mães, vinculadas à atribuições ditas “femininas” no íntimo do lar. Ao homem são destinadas a rua, a política, a aventura.

A escritora Chimamanda Ngozi Adichie (2018), escreve um livro formulando dicas para a mãe de uma jovem garota sobre como ensiná-la sobre a realidade e o feminismo, ao passo em que respeita o seu processo de crescimento e incentiva a independência, com a necessidade de discutir essa separação de papéis para a conscientização do merecimento de seu próprio espaço e reflexão sobre o que é ensinado, quem está no local de poder e desfazer os estereótipos.

A mídia destinada às mulheres também reflete a situação de desigualdade de gênero existente na sociedade e nos meios de comunicação em geral. Nesse sentido, os elementos diferenciadores, como a posição de submissão da mulher em relação ao homem e as delimitações de papéis distintos entre os gêneros (o cuidado com o lar e com a educação dos filhos como tarefa feminina e o trabalho e sustento da família como responsabilidade masculina, por exemplo) (Lopes, 2017, p. 8)

A origem da limitação feminina é imposta com divisões entre as considerações do feminino ou masculino, afetando o acesso às experiências, o que dificulta o desenvolvimento, tanto intelectual, quanto da sociabilidade. Os espaços de poder não são construídos na intenção de receber grupos minorizados e, quando isso ocorre, estes enfrentam desafios em relação à permanência, devido a prepotência institucional que os submete a ridicularização.

Nos anos 2000 o poderio político, econômico e cultural utilizou esse mecanismo para construir a sua indústria de entretenimento, com o comércio do corpo feminino em seu auge da sexualização e a introdução mínima de individualidade na tentativa de equilibrar os desejos. Com representações irreais e inalcançáveis, essa formatação termina por causar insegurança e receio nas retratadas, enquanto padroniza um estilo de ser “opressivo”.

E, com a influência na globalização, as informações têm alcance a nível internacional. Ao produzir um produto midiático, as idealizações são transportadas para diferentes áreas do mundo, reforçando os estereótipos do que se é pensado sobre as mulheres.

A desigualdade não apenas inferioriza a mulher e o feminino, destitui-lhe de poder e lhe impõe o domínio de uns sobre outras. A desigualdade funciona como um *modus operandi* de manutenção do privilégio de quem detém o poder e se permite dominar para obter vantagens por que se encontra minorizado (Pudenzi; Silva, 2021, p. 58).

Diferentemente do simples reforço de um pensamento, surge como contexto para a propagação de ódio contra as figuras femininas que assume diversas formas ao ser praticado. Não está limitado apenas ao controle de como ela pode ser inserida ou utilizada, mas compreendendo a irritação e menosprezo direcionado a tudo que refere-se às mulheres.

A mídia estadunidense mantém a influência há muitas décadas, com suas produções situando a mulher como conculinte do papel masculino e do papel de dona de casa e mãe. Quaisquer das suas ambições são inferiorizadas ao ponto em que a verdadeira felicidade em suas vidas focam em relacionamentos e no lar, como é refletido pela Amanda Lopes (2019). Suas produções foram eficazes para redirecionar e manter esse pensamento, e mesmo que instruídas posteriormente, a maneira como continuaram sendo retratadas ao longo do tempo, permitiu a continuidade dessas atitudes.

Atentando-se à felicidade voltada para as mulheres, é possível perceber que, desde a década de 1950, a figura “dona de casa americana” sorridente estava

presente na mídia ocidental, de forma estereotipada. Essa representação era vinculada ao ideal de alegria na medida em que a mídia divulgava representações da mulher como uma dona de casa dedicada, responsável por cuidar e agradar filhos e marido, demonstrando satisfação em sua vida maternal e, sobretudo, conjugal. Em um contexto vinculado ao consumo e ao desenvolvimento de objetos responsáveis por facilitar o trabalho doméstico, a mídia e a publicidade destacavam a vida feliz da “cuidadora do lar” sempre radiante e com boa aparência (Lopes, 2019, p. 33).

Com isso, a mulher recebe um espaço delimitado em que torna-se vulnerável para ser alvo de diminuição e agressões, enquanto o movimento de contraproposta em busca de mudanças e maior representatividade ainda caminha a passos lentos. A dignidade de ser vista, além do que é designado pela perversão dos atos odiosos, que manejam o seu sofrimento como algo rentável, é um processo custosamente alcançado por meio de lutas populares com esforço coletivo.

4.1. Hipersexualização como produto do entretenimento

A hipersexualização é um conceito em desenvolvimento dentro dos assuntos acerca da formação da imagem dos gêneros. Porém, é possível introduzir nos estudos, com Hiper referindo ao “elemento de formação de palavras que exprime a ideia de além de, muito, exagerado, excessivo, por cima” (Dicionário Porto Editora, 2026) e Sexualização como “ato ou efeito de sexualizar, de dar ou adquirir aspeto, conteúdo ou conotação sexual” (Dicionário Porto Editora, 2026).

Ao unir os conceitos em um único termo, se ressalta a ideia da sexualização de um corpo realizada de uma forma expressiva, em que a sua formatação alcança um nível elevado de destaque e irrealidade. As representações são realizadas na intenção de reforçar a designação do papel da mulher, visto que, esse tipo de visual não é feito para retratar mulheres reais, mas aquelas que são desejadas por homens com o foco elevado em determinadas partes corporais como seios, nádegas e cinturas.

O mundo nerd, no qual enquadra as HQs, está fortemente vinculado aos ideais da hipersexualização. As suas representações contemporâneas demonstram a introdução feminina em papéis levemente mais relevantes, porém, ainda estão expostas a representações corpóreas irreais na intenção de atrair e manter o seu público masculino, uma vez que o feminino não é considerado no mesmo padrão de equidade.

A partir disso, tem-se a ideia de que os personagens masculinos se transformam na representação do ideal de homem que as crianças e os adultos que leem e assistem o conteúdo apresentado pretendem seguir, são personagens musculosos, fortes, que sempre são capazes de defender as

pessoas consideradas indefesas. Em contrapartida, as personagens femininas são representadas como o ideal de mulher que esses mesmos leitores desejam: são personagens sempre magras, com o corpo desenhado sempre da mesma forma, e que são divididas em donzelas a serem salvas, sempre apresentadas com frágeis, e as Super-Heroínas as quais são desenhadas, em sua maioria, com trajés minúsculos e sexualizados (Ferreira, 2021, p. 73).

Apesar das pressões por uma representação mais justa com as minorias, elas são rejeitadas pelo universo em questão, visto que, após a introdução de representatividade, existe a repulsa pelos consumidores. O grupo que, anteriormente era considerado acolhedor para os excluídos, tornou-se um excludente e disseminador de ódio, a troca de lugar com os opressores (Catta-Preta; Luz; Baratella, 2002). E, ao estar diante de um corpo que sempre foi utilizado unicamente para o seu interesse, espera-se que continue servindo apenas para a complementação, sem a construção de uma personalidade coerente.

Em Guerra Civil, as páginas estão vinculadas com a falta de visibilidade para as mulheres fora da destinação ao seu corpo. O número de personagens femininas em sua extensão é notável, porém, o seu foco está na hipersexualização com figurinos que expõem o seu ser a imagens desnecessárias para o contexto, visto que, mesmo quando aparecem em segundo plano, conseguem encontrar uma forma de serem erotizadas.

No primeiro capítulo da obra, o primeiro embate foca no grupo de heróis “Os novos guerreiros”, que tinha um *reality show* para mostrar os seus embates e tentar alcançar a fama, ao entrar na luta contra o grupo de vilões, a única personagem do grupo veste um maiô, o qual se enquadra visualmente como roupa de banho, porém sendo a vestimenta utilizada para o trabalho na concepção de roteiristas e desenhistas.

Fig. 5: Namorita em cena de luta.



Fonte: Millar *et al.*, 2007.

As execuções das poses de luta ao serem executadas pela minoria em questão, são feitas de uma forma que um humano não suportaria, pois o objetivo é focar em posturas *sexys*, mesmo em momentos que estão focando em sua profissão, como em lutar contra um inimigo. Esse padrão recorrente de hiperssexualização e redução de protagonismo limita a agência feminina dentro da trama.

As personagens mulheres ao aparecerem frequentemente enquadradas por poses que enfatizam curvas corporais, roupas coladas ou ângulos que priorizam a exposição do corpo em detrimento da ação, terminam reforçando um olhar objetificador que desloca a atenção do leitor para atributos físicos e não para suas capacidades heroicas.

Assim, à medida que os heróis estão limpando os restos da destruição no bairro afetado com a explosão causada pelo embate do grupo anterior, mostra os remanescentes esforçando-se para resgatar e limpar os destroços do ambiente em busca de mais sobreviventes e, ainda que seja uma cena carregada de infelicidade, continuam sendo expostas a esse papel.

Fig. 6: Mulher-Hulk e Miss Marvel auxiliando na procura de sobreviventes.



Fonte: Millar *et al.*, 2007.

As vestimentas masculinas figuram uma imagem de poder, a forma como se comportam durante as cenas demonstram autoridade, a capacidade de enfrentar as problemáticas. A centralidade do protagonismo masculino é sustentada por uma estética que valoriza força física, racionalidade estratégica e autoridade, atributos associados historicamente ao ideal de poder heteronormativo dos homens.

Enquanto isso, as personagens femininas são sensualizadas, mesmo quando a concentração está em mostrar certa fragilidade simultaneamente. A combinação entre erotização estética e apagamento discursivo evidencia como a HQ reproduz estruturas simbólicas que associam o feminino à passividade, ao adorno e à função acessória, comprometendo a complexidade das personagens e reforçando representações que naturalizam desigualdades de gênero no universo dos quadrinhos.

Fig. 7: Uniforme da personagem Adaga.



Fonte: Millar *et al.*, 2008.

Mesmo diante de um cenário em que estão ativas em combate, o esperado de uma roupa seria algo para proteger, porque em uma luta a intenção é afetar fisicamente o oponente, por isso deveriam investir em vestimentas resistentes para lidar com os poderes e habilidades do adversário, mas o roteiro prefere expor a beleza idealizada, menosprezando o talento.

Fig. 8: Personagem feminina com uniforme hipersexualizado.



Fonte: Millar *et al.*, 2008.

Os desenhos de ambas as heroínas no contexto da guerra (fig. 7 e 8) apresentam uma similaridade, um recorte descendo a dorsal e expondo os seios, porém a imagem 8 contém uma abertura na roupa que permite maior visibilidade das suas pernas. Logo, uma roupa inacreditável de ser utilizada em cenas de combate, pois nenhum movimento consegue ser

realizado nesse tipo de representação sem que o corpo seja exposto à nudez total e/ou à graves ferimentos.

A exploração do corpo feminino também na indústria musical dos anos 2000 consolidou um modelo de representação que reforçava a objetificação como estratégia comercial, inserindo a mulher em um circuito de visibilidade condicionado por padrões estéticos rígidos e sexualizados. Esse processo articulava-se à lógica da cultura *pop* industrializada, que transformava artistas em produtos midiáticos moldados para atender às expectativas do mercado e ao olhar masculino dominante. A sexualização intensa (expressa em videocliques, performances, figurinos e campanhas promocionais) reduzia a presença feminina a um recurso visual destinado a atrair audiência, deslocando a atenção de suas competências artísticas para atributos corporais. Essa dinâmica não apenas reforçava estereótipos de gênero, mas também contribuía para a naturalização de práticas de consumo que tratavam o corpo da mulher como mercadoria simbólica, legitimando desigualdades e limitando a diversidade de representações possíveis. Ao mesmo tempo, a repetição desses modelos nas mídias de massa ampliava seu impacto social, influenciando percepções, comportamentos e expectativas sobre feminilidade, especialmente entre jovens que consumiam intensamente esses conteúdos.

Essas representações são responsáveis por demonstrar a maneira em que é realizada o controle na sociedade atual, redigida pela cultura pop e a forma como era fortalecida durante os anos 2000. A objetificação do corpo feminino incorpora uma rotulação do tipo de ser e seus princípios, além disso, rende financeiramente dentro do capital.

4.2 Limitação performática em suas falas

O silenciamento funciona, dentro das narrativas culturais, como um mecanismo sofisticado de apagamento que retira de determinados grupos a possibilidade de existir plenamente no espaço social. Quando vozes são impedidas de ocupar posições de autoridade ou de participar da produção de discursos legítimos, suas experiências deixam de circular, suas demandas não são reconhecidas e suas perspectivas não influenciam a construção de sentidos coletivos. Esse processo transforma sujeitos em figuras secundárias dentro de suas próprias histórias, reduzindo sua agência e limitando sua capacidade de propor mudanças estruturais. No campo da representação, o silêncio não é ausência neutra, mas uma prática ativa de exclusão que reforça hierarquias, naturaliza desigualdades e impede que grupos historicamente marginalizados disputem narrativas e lugares de poder.

A escrita histórica, juntamente com o capitalismo, são intermediários no papel do enfraquecimento da imagem das mulheres, relacionando uma organização de perspectivas que conseguiram fortalecer o esquecimento delas como agentes ativas no contexto. São inúmeros os momentos em que estiveram presentes, porém, a criação de uma narrativa na qual são postas como inferiores e silenciadas se sobrepõe (Federici, 2017).

Independente do meio, seja intelectual ou social, a sua presença é inferiorizada. Isso deve-se à importância do desenvolvimento do controle corporal e, principalmente, à manutenção de uma hierarquia sócio-cultural, que contém uma estrutura fundamental para impedir o equilíbrio de oportunidades.

A mídia do entretenimento, ao reforçar esses paradigmas em ambientes de lazer para o público, busca estender a realidade das reproduções para sobressair o fictício. A fala é um meio fundamental para existência e apresenta um poder significativo contra a violência imposta na misoginia e, ao ser negada ao indivíduo, a sua permissão de sobrevivência no ambiente é consideravelmente negada.

Dentro do universo das Histórias em Quadrinhos, a junção dos seus elementos é fundamental na construção de uma narrativa e, com isso, a retirada ou limitação da imagem ou da escrita perante a aparição de um personagem dispõe o que é defendido pela história, o seu inventor e o contexto.

A abertura para o discurso dentro de uma narrativa política, como ocorre em Guerra Civil, evidencia como o direito à fala funciona como marcador de poder e legitimidade. Quando determinados personagens - sobretudo os homens - recebem espaço para expor argumentos, justificar ações e defender suas posições, a narrativa os posiciona como sujeitos autorizados a interpretar a crise e orientar seus desdobramentos. A presença do discurso, portanto, não é apenas um recurso narrativo, mas um gesto simbólico que confere autoridade, racionalidade e centralidade àquele que fala. Da mesma forma, a ausência dessa voz produz efeito inverso: transforma personagens em figuras secundárias, restringe sua agência e reforça hierarquias internas à trama. Assim, o controle sobre quem pode falar e quem permanece silenciado opera como mecanismo de construção de poder, revelando como a HQ reproduz desigualdades estruturais ao privilegiar protagonistas masculinos na condução do debate político e moral que organiza a história.

Na década de 2000, o direito à escolha em relação a situações de suas vidas privadas era algo em desenvolvimento em ambos os países. Os Estados Unidos, com medidas facilitadas de acesso a alguns métodos contraceptivos, como Plan-B *One-Step* sem receita (FDA, 2006). Enquanto no Brasil, a legislação começou a se movimentar na garantia do

aumento da proteção e liberdade, como a criação da Lei Maria da Penha⁵, que busca propor medidas para prevenir e punir a violência cometida contra a mulher pelo cônjuge ou familiar (Brasil, 2006).

São avanços lentos que, ao mesmo tempo que surgem, coexistem com ações realizadas para impedir sua consolidação. A ficção e a realidade do período não devem ser dissociadas em uma análise, pois a construção do imaginário sobre um grupo minoritário parte de um objetivo coletivo sobre a sua limitação e a relação com a falta de comunicação por parte deste refletindo a dificuldade do tempo em que, mesmo sobre assuntos vinculados diretamente à sua existência, a opinião feminina era desconsiderada.

No início da trama, enquanto os heróis são expostos a um momento que exige a análise da situação para o planejamento do ataque, um grupo repleto de homens, sendo chefiado por um deles, comenta sobre algo irrelevante e vazio sobre uma personagem feminina, após a mesma questionar sobre o que seria feito. Nesse momento de tensão, o comentário referente a maquiagem e aparência da heroína surge como efeito cômico.

Fig. 9: Namorita questionando o plano na cena.



Fonte: Millar *et al.*, 2007.

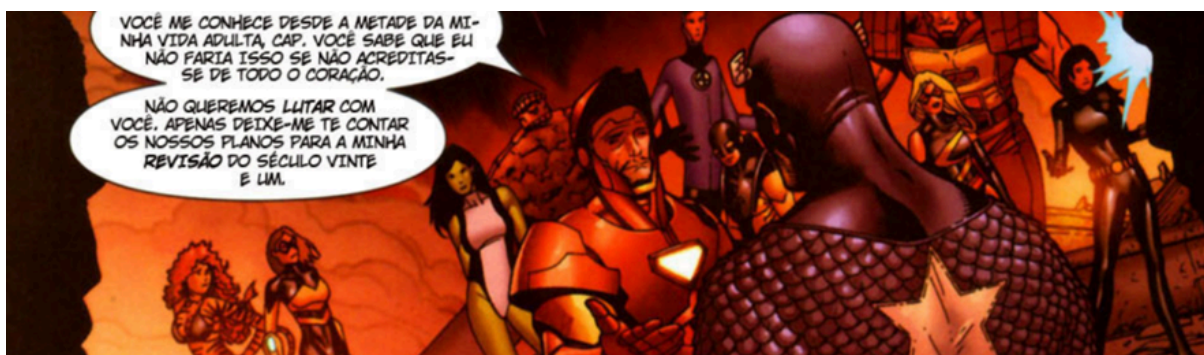
A intensidade do conflito é perceptível com a insegurança dos apoiadores de ambos os lados, com o debate sobre a exposição das identidades privadas para a confiança da população aos super-humanos, ideia apoiada pelo grupo aliado ao governo. Enquanto a oposição era caçada para ser encarcerada, vista como ilegal, com a situação piorando quando um deles morre atacado por um dos combatentes adversários. A disputa deveria ser ideológica, todavia, alcançou um nível preocupante de violência contra aqueles que recusaram o acordo.

Esse ponto reflete que, em nenhuma circunstância, o contexto deveria seguir esse trajeto, visto que envolve a identidade e corpo dos presentes, mesmo nessa situação as mulheres continuam com uma participação secundária no debate. Uma cena recorrente é o

⁵ O nome da Lei é uma homenagem à farmacêutica cearense Maria da Penha Maia Fernandes, que ficou paraplégica após duas tentativas de homicídio por parte de seu ex-marido, que ficou impune por quase 20 anos.

aparecimento das heroínas no fundo das cenas em silêncio ou apenas para mostrar o evento da Marvel, sendo frequentemente expostas em suas corporeidades.

Fig. 10: Mulheres ao fundo em silêncio.



Fonte: Millar *et al.*, 2007.

Apesar de ser um período de incentivos para mudanças, com mulheres pelo mundo lutando por maior independência e voz⁶, existia uma reprodução de preconceitos que limitavam os seus avanços.

As suas aparições estão espalhadas pelos capítulos e é possível realizar um levantamento de dados sobre a forma como ocorre para compreender de que maneira a sua existência é construída, visto que estão continuamente sendo limitadas.

Quadro 3: levantamento de dados quantitativos sobre a participação das personagens femininas.

Personagem	Vestimenta	Direito à fala	Relevância	Conteúdo da fala
Coldheart	Roupas casuais da moda dos anos 2000	Sim, 3 falas	Pouca	Anunciando a invasão do grupo de heróis aos seus colegas e negando ser derrotada por eles
Namorita	Maiô vermelho	Sim, 4 falas	Pouca	Primeiramente, perguntando sobre o plano e em resposta indicarem a sua espinha no rosto. O restante foram frases-chaves durante a luta
Garota Marvel	Top e mini saia	Sim, 1 fala	Não	Respondendo ao Scott Summers sobre conseguir levantar os destroços do bairro com os seus poderes de levitação

⁶ Gloria Steinem, Jane Fonda e Robin Morgan em 2005, cofundaram o Women's Media Center nos EUA para aumentar a visibilidade e o poder das mulheres na mídia; Sima Samar, ativista dos direitos humanos e médica afegã, serviu como Ministra de Assuntos Femininos no Afeganistão (2001-2003) e lutou pelos direitos das mulheres em regiões de conflito; Nawal el-Saadawi: Escritora e médica egípcia, continuou sua luta contra a mutilação genital feminina e o patriarcado no Oriente Médio durante os anos 2000; Engy Ghozlan: Ativista egípcia que coordenou campanhas contra o assédio sexual nas ruas, ganhando destaque na década de 2000.

Ms. Marvel	Espécie de body	Sim, 2 falas	Não	Breve comentário em conversa com o Golias, fazendo um questionamento curto e concordando em seguida
Mulher Hulk	Body	Sim, 7 falas	Acima da média	Inicialmente, aparece debatendo em um jornal em relação à questão da proibição e medidas para os super-heróis. Posteriormente, um diálogo com Tony Stark sobre a possibilidade de tornarem-se apenas agentes da SHIELD com o tratado. Em seguida, dialogou com Reed Richards sobre a necessidade das tomadas de decisão para a rotulação dos heróis devido à imprudência de alguns que afetava a população. E, sua última fala é com o espanto do surgimento do Namor no embate final.
Comandante Hill	Macacão	Sim, 36 falas	Sim	O seu posicionamento a favor da assinatura e controle dos heróis para domínio das suas atividades. Mandatos de prisão para Capitão América e os seus aliados, ao perceber que não estava agindo sozinho, técnicas de ataque
Tigra	Biquíni	Sim, 2 falas	Não	Posicionamento do Capitão América e como pode ser enquadrado e expondo surpresa ao descobrir que sabiam do seu papel de espiã dentro do grupo do Capitão América
Mulher-Invisível	Macacão	Sim, 20 falas + escrita de uma carta	Sim	Sua primeira fala aborda a questão da inutilidade da identidade secreta, comparando ao seu grupo que é público, questionamentos da decisão do grupo de Tony Stark e a esperança de que esteja no lugar correto. A troca de lado após a morte do Golias e uma carta direcionada a Reed Richards,

				seu marido, explicando os seus motivos e deixando os seus filhos para ele começar a dar alguma atenção, visto que está negligenciando sua função como pai. E, convencendo Namor a entrar na intriga.
Gaviã Arqueira	Macacão	Sim, 2 falas	Não	Comentário durante a luta e questionando a Cassie ao perceber a sua desistência.
Cassie Lang	Macacão	Sim, 5 falas	Pouca	Confusão ao ser presa com os Jovens Vingadores, troca de lado após a morte do Golias
Emma Frost	Vestido longo	Sim, 8 falas	Sim	Representando os interesses dos X-men quando Tony Stark procura o grupo para participar do seu lado e negando, visto que os próprios são perseguidos pelo governo
Adaga	Macacão com decote exagerado	Sim, 8 falas	Acima da média	Chamando atenção do grupo do Capitão América para a notícia na TV, sobre o Thor no embate que resultou no falecimento do Golias e estratégia para invasão
Vespa	Macacão	Sim, 8 falas	Acima da média	Aborda o acordo e suas limitações, alguns comentários irrelevantes, iniciativas pensadas para o futuro com o tratado, união dos Thunderbolts com os Vingadores
Mamba Negra		Sim, 1 fala	Não	Anunciando a chegada de Susan e Johnny Storm
Garota Ultra	Roupas comuns	Sim, 1 fala	Não	Comentário irrelevante
Monica Rambeau	Macacão	Sim, 2 falas	Não	Comentários irrelevantes
Yuriko Oyama		Sim, 2 falas	Não	Comentários durante a luta
Cascavel	Macacão	Sim, 1 fala	Não	Estratégia
Asa de Fogo	Macacão	Sim, 1 fala	Não	Métodos de ataque
Tempestade	Body	Não	Não	Não fala

Mulher-Aranha (Jessica Drew)	Macacão	Sim, 1 fala	Não	Perguntando sobre a presença inesperada do Vigia.
Gata Negra	traje preto e máscara ao redor dos olhos	Sim, 1 fala	Não	Surpresa com a chegada do Homem-Aranha, repetindo o nome dele

Fonte: realizada pela autora com dados da HQ “Guerra Civil I” (2007-2008).

Ao todo, em 7 edições dentro do volume, foram reconhecidas 22 personagens femininas, havendo outras breves presenças, mas a sua falta de destaque e participação de diálogos impossibilitou a sua identificação, como o caso da mulher descrita na imagem 10.

Existe uma grande problemática envolvendo a construção delas e isso torna-se evidente dentro da representação que a HQ oferece, são exposições visuais hipersexualizadas, mesmo que sejam roupas longas, porque, além das curvas destacadas, são desenhadas em posições sugestivas nos movimentos que executam. Usadas para a sedução com o seu corpo, mas suas opiniões são desconsideradas, visto que a maioria ganha o poder da voz apenas quando a conversa fala sobre ou contém a presença de um homem.

A limitação das personagens femininas em Guerra Civil evidencia um padrão estrutural de apagamento que opera mesmo quando algumas delas recebem momentos pontuais de fala. Embora um pequeno grupo, apenas três heroínas, tenha obtido espaço suficiente para expressar seu ponto de vista, essa concessão não se traduz em verdadeira centralidade narrativa. A participação feminina permanece circunscrita a funções coadjuvantes, posicionadas à margem das decisões estratégicas e sempre sob a sombra dos protagonistas masculinos. A quantidade de falas, ainda que relevante como indicador de presença discursiva, não garante profundidade nem impacto na condução da história, sobretudo em uma obra que reúne um grande elenco e, portanto, exige escolhas sobre quem será desenvolvido. O fato de apenas um número tão reduzido de mulheres receber tratamento narrativo consistente revela uma hierarquia de importância que privilegia sistematicamente os heróis homens, reforçando desigualdades simbólicas e limitando a complexidade das personagens femininas dentro do enredo.

Comandante Hill é escrita como a líder da SHIELD no período, responsável por tomar as medidas em respeito a instituição que comandava e, durante o seu mandato, conseguiu permanecer estável diante dos seus objetivos e ser rígida ao defender os seus ideais. Debateu e comandou forças tarefas para alcançar o que era desejado, sendo uma gestora capacitada dentro do contexto em que se encontrava. Porém, ao chegar no final, perdeu o poder da fala e o espaço para o Tony Stark.

Mulher-Invisível precisou enfrentar o problema de desentendimento com o seu marido, que resultou no afastamento e mudança de lado para a defesa dos seus ideais, sendo desenhada como alguém inativo inicialmente, mas ganhando espaço para reproduzir a sua própria personalidade ao final. E, Emma Frost, apareceu brevemente, o que não impediu que enfrentasse um líder em ascensão para defender seu povo e retirá-los do ambiente violento.

Apesar de haver algumas participações fora de uma inclusão real na trama, esses tipos de reproduções são negativas para um ambiente que vende histórias que garantem a aproximação da realidade e, com o entretenimento sendo utilizado para atrair o público para permanência de compreensões, esse tipo de produção enquadra a mulher como alguém inferior.

5. MÍDIA, EXCLUSÃO E CONTROLE EM HQ: GUERRA E RESISTÊNCIA

A reprodução midiática depende de alguns fatores, principalmente da existência do emissor e do receptor da mensagem. Esses aspectos são inseparáveis, ao ser produzida uma mensagem, espera-se que existam pessoas para recebê-las (Juarez, 2007). Logo, a sua construção funciona com o envolvimento de intenções acerca do conteúdo, e nenhum meio de

comunicação é isento de ideais, como a produção é realizada por um ser pensante, o seu produto reflete sua essência.

É indispensável a associação da transmissão com a maneira que é realizada no tempo e espaço, porque sofre com a influência cultural (Junior, 2014). E, devido ao movimento da globalização, com a disseminação de informação ocorrendo com mais facilidade, existe uma troca frequente da cultura e influência entre os países pelo mundo.

A consciência da globalização, a consciência das interdependências, a consciência da emergência dos códigos compartilhados ou das identificações que servem de contraste, em âmbito global, agem fortemente sobre o comportamento e as representações dos atores. A partir desse ponto de vista – essencial para quem considera o papel das idéias na análise dos fenômenos políticos –, a luta pela hegemonia, para dominar a gramática dos códigos globalizados, já começou: por exemplo, para a definição do bem e do mal, dos aliados e dos inimigos (Giraud, 2007, p. 391).

A soma desses fatores influencia diretamente a construção de produtos visuais realizados pelo mundo. Além da necessidade da criação para entreter ou informar, existem princípios e objetivos impostos neles. Nesse meio, são introduzidos os símbolos, representado por Norval Baitello Junior (2014), como extensores da sociedade, ao relacionar experiências sociais com a formulação de imagens.

Com isso, no momento em que determinado país elabora uma informação, existem expectativas acerca do seu alcance e consumo, mesmo que não esteja diretamente vinculado a um governo, espelham o que ocorre naquele ambiente e demonstra ao resto do planeta, ocorrendo a ação de influência e criação da idealização por meio do receptor.

Na introdução do consumo da cultura *pop* no Brasil, houve um processo lento de início da disseminação dos meios, seja por rádio, cinema, ou qualquer outro, ao passo em que a população foi alcançando um nível financeiro que possibilitou sua aquisição. Anteriormente a sua popularização, o país sofria com a influência exterior em suas terras, trazendo os ideais do sonho da modernização e do consumo por meio das obras expostas naquele tempo (Sevcenko, 2006). Era como se, para ser futurista, deveria desprender do que era nacional.

E, dentro desse mesmo tempo, após a década de 1920, os Estados Unidos conseguiram interferir na perspectiva social latina por meio das ideologias impostas, estavam no controle da maioria das produções, como os canais de rádio e Hollywood (Sevcenko, 2006).

Um produto que começou a ser fortalecido com o seu auxílio foi o corpo feminino. Apesar de ser um tópico resistente na história, a sua percepção de existência como um objeto com utilidade para o consumo fortaleceu, com a produção de obras visuais em seu todo,

expondo e diminuindo a suas aparições a algo atrativo para o público masculino, visto que detinha o poder aquisitivo, enquanto a mulher era inferiorizada socialmente.

Independente da inferiorização ser uma realidade na formação da comunidade, os motivos para seu fortalecimento na indústria são relevantes, pois a alienação é necessária para o controle estatal e para evitar movimentos de rejeição. E, diante disso, a percepção de que a ação resulta em reproduções no imaginário coletivo.

O que foi acrescentado pelas mais modernas teorias da comunicação é que, ao ler este livro, um leitor comum também está produzindo cultura. A leitura, enfim, é prática criadora — tão importante quanto o gesto da escritura do livro. Pode-se dizer, ainda, que cada leitor recria o texto original de uma nova maneira - isto de acordo com os seus âmbitos de 'competência textual' e com as suas especificidades (inclusive a sua capacidade de comparar o texto com outros que leu, e que podem não ter sido previstos ou sequer conhecidos pelo autor do texto original que está se prestando à leitura). Desta forma, uma prática cultural não é constituída apenas no momento da produção de um texto ou de qualquer outro objeto cultural, ela também se constitui no momento da recepção (Barros, 2003, p. 146).

Considerando os pontos debatidos por José D'Assunção Barros (2003), reflete-se que as linguagens midiáticas ao submeterem frequentemente um gênero ao papel de ser fisicamente atraente, com produções irreais e intelectualmente incapaz, produz sinais que serão recepcionados por meio da transmissão/consumo das obras. O silêncio e inexistência da participação ativa feminina dentro de uma obra criativa reproduz problemáticas na maneira como são vistas e recebidas pela população, incentivando a normalização da agressividade diante da sua representação.

Dessa maneira, a negação e a desvinculação de papéis irrelevantes e pequenos estão fortemente ligadas às construções realizadas socialmente, com o uso expressivo das mídias e as suas novas maneiras de articulação cultural transmídia, seguindo as tendências momentâneas. No passado, as informações eram demoradas em sua emissão/recepção, mas, atualmente, a facilidade em que ocorre essa ação permite que esteja multiplicada em diversos lugares simultaneamente e de forma simples.

O ódio e o menosprezo pela imagem feminina não é uma novidade proposta no século XXI, mas uma herança de muitos séculos que impossibilitou o desenvolvimento da igualdade de condições de gênero, e, da mesma maneira que foi ignorada anteriormente como algo naturalizado, o processo de continuidade da indiferença persiste.

De acordo com o autor Baitello Junior (2014), a violência apenas é considerada quando existe o choque diante de situações escancaradas, porém, ao serem realizadas de maneira silenciosa diariamente de formas verbais ou dentro de espaços que excluem ou

limitam o seu conforto ou existência, como é o caso das diversas minorias existentes que não são debatidas ou lembradas.

Ao ver HQs à serviço dessa exclusão, dessa hierarquia de gêneros, dificilmente há revolta dos consumidores em relação a formatação em que se encontram as heroínas ou vilãs, uma vez que são atraentes para o público masculino, e ainda garantem o reforço do poder deles acima de qualquer mulher, valorizando a inteligência e poder masculinos, enquanto as mulheres estão destinadas a permanecer nas sombras do seu parceiro.

Considerando que mensagens são realizadas com intuitos ao formular certos símbolos, a História em Quadrinho “Guerra Civil I” (2007-2008), cria o pensamento de “um espaço construído por homens para homens”, ao selecionar diversas mulheres e negarem o seu direito a fala e o exercício da sua função sem destacar a hipersexualização do seu corpo enquanto promove seu silenciamento e a mantém de modo secundário.

A objetificação corporal é capaz de anunciar posicionamentos que são mais consistentes que apenas afirmar a relevância do seu corpo, mas o reforço da sua falta de individualidade diante de uma decisão que incorpora fatores que definem a sua existência, sua utilidade em cada segmento. Na maneira como são representadas, as mulheres são incapazes de existir sem um homem, seja para completar a sua personificação ou a necessidade de servi-lo, mesmo que seja de maneira inconsciente.

Uma HQ que contabiliza 22 personagens, impostas ao silêncio enquanto desempenham posições estratégicas com vestimentas hipersexualizadas que reforçam estereótipos sobre corpos que, na teoria, deveriam existir fora das animações, não possui intenções de inclusão. Na verdade, usa a idealização como ferramenta para o sustentar a sua obra, enquanto incentiva a exclusão dos mesmos ambientes em que promove uma falsa participação.

Em 7 edições, são referenciadas nas capas heroínas selecionadas, mesmo que não haja o destaque dentro da escrita do enredo, figuram como uma atração ao serem exibidas sem ter oportunidade de participar de forma ativa na história.

Fig. 11: Capa traseira “Guerra Civil I, edição 2”



O UNIVERSO MARVEL ESTÁ MUDANDO. APÓS AS AÇÕES IMPENSADAS DE QUATRO JOVENS SUPER-HERÓIS QUE CAUSARAM A DESTRUIÇÃO DA CIDADE DE STAMFORD, CONNECTICUT, O POVO CLAMA POR UMA MUDANÇA NA CONDUTA DOS SUPER-HERÓIS. O ATO DE REGISTRO DOS SUPER-HUMANOS É PROPOSTO, ATO QUE REQUER QUE TODOS AQUELES COM HABILIDADES FORA DO NORMAL SE REGISTREM COM O GOVERNO. A REAÇÃO ENTRE OS SUPER-HERÓIS OS DIVIDIU, CONTRA O REGISTRO ESTÁ O CAPITÃO AMÉRICA E DO LADO PRO-REGISTRO PERMANECE O HOMEM DE FERRO. A GUERRA CIVIL PARECE INEVITÁVEL...

MARVEL

Fonte: Millar *et al.*, 2007.

Nesta edição, a única que aparece é a Gaviã Arqueira. Apesar de ser representada ao lado dos seus colegas dos “Jovens Vingadores”, não participa nas ações, mesmo sendo relevante para o grupo, e nessa versão foi excluída de qualquer posicionamento que demonstrasse liderança.

Essa retratação da Gaviã Arqueira em Guerra Civil de forma limitada, ocupando um espaço narrativo secundário que a mantém à margem das decisões centrais do enredo, apesar de suas habilidades e potencial como heroína, evoca uma profunda contradição no ideário de um universo de heróis.

Fig. 12: Capa traseira “Guerra Civil I, edição 7”



O UNIVERSO MARVEL ESTÁ MUDANDO. APÓS AS AÇÕES IMPENSADAS DE QUATRO JOVENS SUPER-HERÓIS CAUSAREM A DESTRUÇÃO DA CIDADE DE STAMFORD, CONNECTICUT, UM ATO DE REGISTRO DE SUPER-HUMANOS É APROVADO PELO CONGRESSO, E AGORA TODOS OS CÍVIS COM HABILIDADES FORA DO NORMAL PRECISAM SE REGISTRAR PERANTE O GOVERNO. ISSO RESULTOU NUMA DIVISÃO ENTRE OS SUPER-HERÓIS. DE UM LADO, CONTRA O REGISTRO, ESTÁ O CAPITÃO AMÉRICA E DO OUTRO, A FAVOR, O HOMEM DE FERRO. AGORA, OS DOIS EXÉRCITOS DE SUPER-HERÓIS ESTÃO FRENTE A FRENTE PARA A BATALHA FINAL QUE IRÁ DETERMINAR O DESTINO DOS SUPER-HUMANOS NOS ESTADOS UNIDOS.

MARVEL

Fonte: Millar *et al.*, 2007.

Para finalizar o arco, algumas personagens como Tigra e Mulher-Invisível apareceram, porém, a primeira citada obteve o seu tempo de páginas apenas exibindo o seu corpo, mesmo em cenas onde poderia ter demonstrado sua potência, como, o momento que traiu o grupo do Capitão América enquanto tentava se infiltrar, mas não realizou nenhum comentário, apenas foi exposta de forma silenciosa.

Fig. 13: Tigra em ligação.



Fonte: Millar *et al.*, 2007.

O problema vinculado à hipersexualização é estendido ao passo em que as mulheres deixam de ser vistas como um ser humano funcional, como seres pensantes e capazes de manobrar uma situação com poder decisório. O silêncio, como relatado na imagem 13, retira a oportunidade de mínimo destaque e a configura como figurante em vários cenários.

Apesar desses aspectos estarem inseridos na ficção, a realidade se relaciona e reflete a experiência de mulheres na vida real, em que ambas as situações são expostas ao uso da sua

presença para complementar a imagem masculina. Essa é a mensagem transportada e reproduzida socialmente, destacando que são espaços pensados e feitos para os homens.

Em um artigo de investigação sobre a sexualização e a sua relação com o público brasileiro consumidor das HQs, foi proposta uma análise do caso da personagem Capitã Marvel, interpretada por Brie Larson nos cinemas em 2019. Devido a divergência dos traços da atriz com a sua versão hipersexualizada das histórias em quadrinhos, há uma expectativa preocupante direcionada aos corpos femininos que impede a entrada de mulheres que “destoem” daquele imaginário no ramo cinematográfico, e mesmo com tentativas de maior inclusão, o público masculino apresenta rejeição impulsionado pela idealização e comparação com o que era proposto anteriormente nos desenhos (Santos, *et. al*, 2021).

As construções subjetivas e corporais das heroínas em Guerra Civil revelam como a inadequação aos padrões estéticos impostos pela cultura pop dos anos 2000 é convertida em sofrimento e apagamento, reforçando a ideia de que a “falta” e a “precariedade” do corpo feminino são atributos negativos. Na HQ, esse processo aparece tanto na hipersexualização visual (que transforma o corpo em objeto de contemplação) quanto no silenciamento narrativo, que restringe a participação das personagens a papéis coadjuvantes, mesmo quando possuem habilidades e relevância equivalentes às dos heróis homens. No entanto, essas mesmas representações também abrem espaço para tensionamentos: ao ocuparem o pouco espaço que lhes é concedido, algumas heroínas questionam expectativas, desafiam a lógica de subordinação e revelam fissuras no modelo hegemônico de gênero que organiza a narrativa. Assim, o corpo feminino, embora marcado pela opressão simbólica, torna-se também um território de disputa, no qual emergem gestos de resistência e possibilidades de subversão das imposições estéticas e discursivas que estruturam o enredo.

Isso implica na lembrança de que, uma mídia não interfere na criação de um símbolo apenas no tempo de criação e exposição, visto que o consumo continuará persistindo. Por isso, a investigação e compreensão da maneira como foi produzida a imagem de mulheres na “década de ouro” da cultura *pop*, que continua sendo influente décadas depois, mostra-se importante para compreender a permanência da tentativa de controle do corpo e personalidade de mulheres no presente. A história das mulheres está presente em diversos espaços, até mesmo na produção de uma História em Quadrinhos e não deve ser vista de forma romantizada ou ingênua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou evidenciar o caso da hipersexualização do corpo feminino presente nas mídias da cultura *pop* estadunidenses na década dos anos 2000 e sua influência no Brasil. A transferência dos interesses de determinado padrão de pensamento e comportamento social em produções midiáticas ocorreu de maneira eficiente devido a transformação ocorrida nos meios de comunicação e sua acessibilidade ao público consumidor. Dessa maneira, surge a necessidade em compreender o tipo de ideologia imposta dentro das produções direcionadas a esses consumidores.

Para analisar as produções desse porte, foi selecionada a HQ *Guerra Civil I* (2007-2008), escrita por Mark Millar, Steve Mcniven, Dexter Vines e Morris Hollowell, da Marvel Comics. As histórias em quadrinhos são relevantes para essa função, visto que trabalham com mais de um tipo de linguagem simultaneamente, mesmo em formato impresso, utilizam a imagem e a escrita. Diante disso, a investigação comprova a ideia do uso da imagem feminina de maneira sexualizada para reforçar ideais machistas, misóginos e patriarcais na sociedade, capazes de promover o silenciamento e alienação relacionado a debates sobre gênero, impossibilitando o desenvolvimento da abordagem da igualdade enquanto existe a manutenção de um sistema que beneficia com isso.

Ademais, a utilidade do entretenimento visual necessita ser vista além da sua capacidade de gerar renda para os produtores, pois consegue ser um meio eficaz de influenciar através de produções que são consumidas em consonância com os interesses individuais das pessoas, tanto para quem produz, quanto para quem consome.

A partir dos dados coletados com a investigação, foi possível expor a existência do apagamento da mulher em um espaço que busca envolver apenas o seu corpo na discussão. Em meio a inúmeras personagens, um número escasso apresentou alguma indicação de força ou individualidade, enquanto são utilizadas para complemento da personificação masculina. Os seus poderes são diminuídos a aparição das suas curvas e expressões, no lugar que deveria ser ocupado pela oportunidade de demonstrar o seu posicionamento.

Ao analisar o movimento de inclusão que começou a ser proposto na mídia posteriormente e sofreu paulatinas rejeições, questionou-se sua influência nos casos de misoginia no Brasil vinculados a essa percepção do corpo e papel feminino criados e reforçados pelas diferentes mídias dos Estados Unidos dos anos 2000. Visto que, na atualidade, são observados comentários de repulsa e ódio contra a presença de mulheres em diferentes espaços, por causa da idealização criada acerca do que a mulher deve ou não representar.

Com isso, a obra estudada mostrou-se eficaz para o alcance dos objetivos relacionados à comprovação da existência entre a ligação da propagação de ideias estadunidenses na mídia com a interação entre diferentes países e, a maneira como isso influencia na criação de mentalidades que podem incentivar o ódio ou a limitação especialmente no Brasil. A imagem refletida das mulheres dentro das obras visuais, frequentemente reforça o sentido de inferiorização, e é isso que é interpretado e absorvido pelos receptores da mensagem.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **Querida Ijeawele** - Como Educar para o Feminismo. Dom Quixote, Porto Alegre - RS, 2018.

ARRAIS NETO, Enéas; BEZERRA, Tânia Serra Azul Machado; PUSTILNIK, Marcelo Vieira. Transformações Econômicas, Políticas e Sociais na América do Sul e a Educação como Espaço de Definição Hegemônica. **Educação em Revista**, 37:e233354, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/DnH8cxysz7Y6nyy3rJJdfqD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 dez. 2025.

BAJAA, Ashraf Abdul Jabbar Bajaa. Construção Hollywoodiana de um mundo antiárabe: o desconcerto de “Nova York Sitiada” sob um xadrez teórico. **Novas Fronteiras: Revista Acadêmica de Relações Internacionais da ESPM-Sul** - v.2 n.1 (Jan-Jun) 2015.

BBC NEWS BRASIL. Atentados do 11 de setembro: a tragédia que mudou os rumos do século 21. In: BBC NEWS BRASIL. **21 Histórias que Marcaram o Século 21** [2010], 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx2x03l50g7o>. Acesso em: 15 jan. 2026.

BARROS, José D’Assunção. História Cultural: um panorama teórico e historiográfico. **T.E.X.T.O.S DE H.I.S.T.Ó.R.I.A.** Revista Do Programa De Pós-graduação Em História Da UnB, Brasília, vol. 11, n. 1/2, p. 145-171, 2003.

BARROS, José D’Assunção. HQ-História: as relações da HQ como agente histórico, meio de representação da História e objeto histórico. **Antíteses**, Londrina, v.16, n. 31, p.397-427, jan-jun. 2023.

BELIEIRO JÚNIOR, José Carlos Martines. Notas de Análise sobre a Era FHC (1994-2002). (2013). **Revista Tópos**, 1(1), p. 111-122. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/topos/article/view/2191>. Acesso em: 20 fev. 2026.

BORELLI, Patricia Capelini; Peron, Alcides Eduardo dos Reis. Defesa e desenvolvimento no Governo Lula: uma convergência possível?. **R. Esc. Guerra Nav.**, Rio de Janeiro, v. 23 n. 2, p. 481-510. maio/ago. 2017.

BRASIL. **Lei N. 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília, 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 20 fev. 2026.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. O gigante fora do tempo: a guerra do Iraque e o sistema global. **Política Externa**, 12 (1), p. 43-62, jun. 2003. Disponível em: https://eaesp.fgv.br/sites/eaesp.fgv.br/files/pesquisa-eaesp-files/arquivos/bresser_-_giganteforatempo.pg_.pdf. Acesso em: 19 fev. 2026.

BRITTOS, Valério C.; GASTALDO, Édison. Mídia, poder e controle social. **Alceu** - v.7 - n.13 - p. 121 a 133 - jul./dez. 2006.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CARRERA, A. C. Cultura Pop, Género y Performatividad: La mujer y la feminidad en la cultura pop de los 2000s. **Cuadernos del Centro de Estudios de Diseño Y Comunicación**, (214), 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.18682/cdc.vi214.10996>. Acesso em: 20 jan. 2026.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. **Diálogos**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005.

CATTA-PRETA, Pedro; LUZ, Matheus Monteiro da; Baratella, Ramon. O purista e discriminatório conservadorismo geek: Entenda como o Mundo Nerd deixou de ser um ambiente acolhedor e representativo para se transformar em um lugar recheado de preconceito e opressão. **Contraponto**, São Paulo, 2022. Disponível em: https://www5.pucsp.br/jornalcontraponto/downloads/contraponto_131.pdf. Acesso em: 20 de dezembro de 2025.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CIOCHON, Tim. Why Men Struggle With Emotional Expression - And How Therapy Can Help. **Empowered Connections Counseling**, 2025. Disponível em: <https://www.empoweredconnectionsounseling.com/blog/2026/1/19/men-emotional-expression-therapy#:~:text=Empowered%20Connections%20Counseling-,Why%20Men%20Struggle%20With%20Emotional%20Expression%20%2D%20And%20How%20Therapy%20Can,vulnerability%20and%20rewards%20emotional%20withdrawal..>. Acesso em: 21 fev. 2026.

COSTA, Maria Izabel Sanches; IANNI, Aurea Maria Zöllner. Transformações da sociedade contemporânea. In: **Individualização, cidadania e inclusão na sociedade contemporânea: uma análise teórica [online]**. São Bernardo do Campo, SP: Editora UFABC, 2018, pp. 5-41.

CRUZ, Adriana Inhudes Gonçalves da *et al.* **A economia brasileira: conquistas dos últimos 10 anos e perspectivas para o futuro**. Rio de Janeiro: BNDES, 2012.

DISTRIBUIÇÃO. Database Brasil. 2008. Disponível em: <https://www.filmeb.com.br/database2/html/distrib08.php>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2026.

DOWBOR, Ladislau. **A Revolução Digital**. Uma sociedade à beira de rupturas. São Paulo, 2024. Disponível em: https://dowbor.org/wp-content/uploads/2024/06/Revolucao_Digital_Livro_24.pdf. Acesso em: 18 dez. 2025.

DUFFRAYER, Fernando de Oliveira. **Invasão do Iraque**: o binômio “Comunicação Social” e “Operações Psicológicas” alterando a percepção do conflito. Dissertação do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2019. 56p.

ENCICLOPÉDIA GLOBAL. **Iraque** - Mapas Geográficos do Iraque. 2018. Disponível em: https://www.megatimes.com.br/2018/11/Iraq.html?utm_source=Pinterest&utm_medium=organic. Acesso em: 20 fev. 2026.

ESTADOS UNIDOS. Food and Drug Administration. **Plan B One-Step (1.5 mg levonorgestrel) Information**. Silver Spring: FDA, 2023. Disponível em: <https://www.fda.gov/drugs/postmarket-drug-safety-information-patients-and-providers/plan-b-one-step-15-mg-levonorgestrel-information>. Acesso em: 20 fev. 2026

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação privada. São Paulo: Elefante, 2017.

FELBAB-BROWN, Vanda. Slip-Sliding on a Yellow Brick Road: Stabilization Efforts in Afghanistan. **Stability, International Journal of Security & Development**, 1 (1), p. 4-19, 2012. Disponível em: <https://stabilityjournal.org/articles/sta.af>. Acesso em: 20 fev. 2026.

FERREIRA, Junia Eloize Muniz. A influência do sexismo da cultura *pop* na objetificação da mulher e as políticas públicas para a sua prevenção: o caso das revistas em quadrinhos. In: ALMEIDA, Flávio Aparecido de (org.). **Políticas Públicas, Educação e Diversidade**: uma compreensão científica do real. Guarujá - SP: Científica Digital, 2021. p. 67-84.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GALDIOLI, Andreza da Silva. **A Cultura Norte-americana como um Instrumento do Soft Power dos Estados Unidos**: o caso do Brasil durante a Política da Boa Vizinhança. Dissertação em Relações Internacionais. São Paulo: UNESP, UNICAMP, PUC-SP, 2008. 147p.

GALHARDI, Raul. Ataque dos EUA à Venezuela consolida estado de exceção como nova regra mundial. **Jota**, 05 jan. 2026. Disponível em: <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/democracia-em-transe/ataque-dos-eua-a-venezuela-consolida-estado-de-excecao-como-nova-regra-mundial>. Acesso em: 20 fev. 2026.

GEORGE W. BUSH PRESIDENTIAL LIBRARY. **The War In Afghanistan**. 2021. Disponível em: <https://www.georgewbushlibrary.gov/research/topic-guides/the-war-in-afghanistan#:~:text=The%20United%20States%20targeted%20Afghanistan,claimed%20Kabul%2C%20the%20nation's%20capital..> Acesso em: 15 fev. 2026.

GIRAUD, Oliver. A Globalização vista do Norte e do Sul: quais os seus mecanismos sociais?. **Caderno CRH**, Salvador, v. 20, n. 51, p. 389-399, Set./Dez. 2007.

GOLDSTEIN, Joshua. **War and Gender**: how gender shapes the war system and vice versa. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

GREENE, Jim. **Anti-globalization movement**. Massachusetts: EBSCO, 2025. Disponível em:
<https://www.ebsco.com/research-starters/social-sciences-and-humanities/anti-globalization-movement>. Acesso em: 18 jan. 2026.

HIPER. In: Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/hiper>. Visto em: 18 de fevereiro de 2026.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras: 2008.

HAFEZI, Parisa. Ataque dos EUA e Israel provoca medo e pânico no Irã. **Reuters**, 28 set. 2026. Disponível em:
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2026-02/ataque-dos-eua-e-israel-provoca-a-medo-e-panico-no-ira>. Acesso em: 20 jan. 2026.

INSTITUTE FOR ECONOMICS & PEACE (IEP). **Global Terrorism Index 2023**. New York: OCHA, 2023. Disponível em:
<https://reliefweb.int/report/world/global-terrorism-index-2023#:~:text=O%20terrorismo%20com%20motiva%C3%A7%C3%A3o%20ideol%C3%B3gica,de%20preocupa%C3%A7%C3%A3o%20no%20futuro%20pr%C3%B3ximo>. Acesso em: 20 jan. 2026.

JENKINS, Henry. **Transmedia 202**: Further Reflections. 2011. Disponível em:
http://henryjenkins.org/2011/08/defining_transmedia_further_re.html. Acesso em: 20 jan. 2026.

JOHNSTON, Rich. Civil War Is Marvel's Best-Selling Graphic Novel, Ever. **Bleeding Cool**, 2023. Disponível em:
<https://bleedingcool.com/comics/civil-war-is-marvels-best-selling-graphic-novel-ever/>. Acesso em: 15 dez. 2025.

JUAREZ, Octavio Uña. Análise dos emissores e receptores na comunicação de massa. Tradução de Luzia Alves de Carvalho. **PERSPECTIVAS ONLINE**, Campos dos Goytacazes, v.1, n.2, p.111-120, 2007.

JUNIOR, Norval Baitello. **A era da iconofagia**: Reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

KRAUZE, Enrique. O fim do antiamericanismo? **El País**, 17 jan. 2015. Disponível em:
https://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/14/opinion/1421262505_049216.html. Acesso em: 20 fev. 2026.

LIMA, Ana Joza de. Alienação como fundamentos da opressão de gênero: contribuições à luta feminina. **Revista Ideação**, N. 52, Julho/Dezembro 2025.

LOPES, Amanda Rezende. **Representação da mulher na mídia: um estudo sobre poder e felicidade femininos**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Unidade Acadêmica (Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

LUCAS, James A. **Study: U.S. regime has killed 20-30 million people since World War Two**. **Sott.net**, 24 abr. 2007. Disponível em: <https://www.sott.net/article/273517-Study-US-regime-has-killed-20-30-million-people-since-World-War-Two>. Acesso em: 19 jan. 2026.

MACHADO, Franciele. Roger Chartier e a noção de representação: definições, diálogos e contexto historiográfico francês no século XX. In: **Anais do 8º Seminário Brasileiro de História da Historiografia - Variedades do discurso histórico: possibilidades para além do texto**. Ouro Preto: EDUFOP, 2014.

MICHAELIS. **Globalização [verbetes]**. Dicionário Michaelis *Online*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/vBx4/globaliza%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 12 fev. 2026.

MISOGINIA. In: **Dicionário Houaiss UOL**. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/houaillon/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/c68/misoginia. Acesso em: 17 fev. 2026.

MILLAR, Mark. **Guerra Civil I**. Barueri: Panini Comics, n. 1, 2007.

MILLAR, Mark. **Guerra Civil I**. Barueri: Panini Comics, n. 2, 2007.

MILLAR, Mark. **Guerra Civil I**. Barueri: Panini Comics, n. 3, 2007.

MILLAR, Mark. **Guerra Civil I**. Barueri: Panini Comics, n. 4, 2007.

MILLAR, Mark. **Guerra Civil I**. Barueri: Panini Comics, n. 5, 2007.

MILLAR, Mark. **Guerra Civil I**. Barueri: Panini Comics, n. 6, 2007.

MILLAR, Mark. **Guerra Civil I**. Barueri: Panini Comics, n. 7, 2008.

NEGRÃO, João José de Oliveira. O governo FHC e o neoliberalismo. **Lutas Sociais**, (1), 103–112, 2004. <https://doi.org/10.23925/ls.v0i1.18809>. Acesso em: 20 jan. 2026.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In: FERREIRA, Jorge; Delgado, Lucília de Almeida Neves (org). **O Brasil republicano - O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

PERCH. Civil War sales and the impact it had on Marvel... something you don't see every day. **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E64DTEnZbPY&t=9s>. Acesso em: 19 dez. 2025.

PNAD 2009: rendimento e número de trabalhadores com carteira assinada sobem e desocupação aumenta. **Agência IBGE Notícias**, 08 de setembro de 2010. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13891-asi-pnad-2009-rendimento-e-numero-de-trabalhadores-com-carteira-assinada-sobem-e-desocupacao-aumenta>. Acesso em: 15 jan. 2026.

PODER. In: **Dicionário Houaiss UOL**. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/houaiss/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/915/poder. Acesso em: 15 de fevereiro de 2026.

PUDENZI, Ana Gabriela Moreira; SILVA, Alessandro Soares da. A mulher no Capitalismo: Luta por direitos e resistência à lógica da dominação-exploração. **RVMD**, Brasília, V. 15, nº 2, p. 56-83, Jul-Dez, 2021.

ROCHA, Anderson Alves da; VARGAS, Herom. Da Cultura de Massa ao Pop: definições e histórico da cultura pop. Comunicação **Midiática**, v. 16, n. 1, 2021.

RODRIGUES, Bernardo Salgado. De Monroe a Obama: a América Latina como zona geoestratégica dos Estados Unidos. **OIKOS**, Rio de Janeiro, vol. 17, n. 2, 2018, pgs 23-37.

RUCHEL, Gabriela; VIEIRA, Maria Gabriela de O. Afeganistão em guerra: invasão e insurgência (2001-2020). **Observatório de Conflitos**. Dossiê de Conflitos Contemporâneos, v. 2, n. 2, fev./ maio, p. 4-12, 2021. Disponível em: <https://gedes-unesp.org/wp-content/uploads/2021/07/Dossie-Obs.-Conf.-vol2-v2-2021-FINAL-7-15.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2026.

SANTOS, Marcelo. A supremacia dos EUA no pós guerra-fria. **Perspectivas**, São Paulo, 29, p. 37-66, 2006. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/32>. Acesso em: 18 jan. 2026.

SANTOS, Roberto Elísio dos. Aspectos da linguagem, da narrativa e da estética das histórias em quadrinhos: convenções e rupturas. In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (org.). **A linguagem dos Quadrinhos**. Estudos de Estética, Linguística e Semiótica. São Paulo: Criativo, 2015.

SEXUALIDADE. In: Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/sexualidade>. Visto em: 18 fev. 2026.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA DO BRASIL**. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SILVA JÚNIOR, Ary Ramos da. Governo Lula: algumas considerações sobre um período importante da sociedade brasileira. **Revista do Agronegócio** – Reagro, Jales, v. 3, n. 1, p. 13-31, jan./jun. 2013.

SILVA, Cleisiete Costa; SANTOS, Syrlen Souza; SILVA, Samuel Reis e. Como o padrão imposto pela sociedade de beleza impacta a saúde mental das mulheres. **Saúde Coletiva**, v. 27, Edição 128, nov. 2023. Disponível em: <https://revistaft.com.br/como-o-padrao-imposto-pela-sociedade-de-beleza-impacta-a-saude-mental-das-mulheres/#:~:text=Os%20padr%C3%B5es%20de%20beleza%20muitas,imposi%C3%A7%C3%A3o%20do%20padr%C3%A3o%20de%20beleza>. Acesso em: 19 fev. 2026.

SOARES, Thiago. **Abordagens Teóricas para Estudos Sobre Cultura Pop**. Logos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 24, 2014.

SOUZA, Beto. Entenda as diferenças entre terrorismo e organização criminosa. **CNN Brasil**, São Paulo, 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sudeste/rj/entenda-as-diferencas-entre-terrorismo-e-organizacao-criminosa/>. Acesso em: 20 fev. 2026.

STOKER, Donald. **Purpose and Power US Grand Strategy from the Revolutionary Era to the Present**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2024, p. 535 - 630.

STORTI, Janaína Marques. **Enfrentando as novas ameaças**: Estratégia e política internacional norte-americanas no Pós-Guerra. 2009. 240p. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 2009.

TANNER, Stephen. **Afghanistan**: A Military History from Alexander the Great to the War against the Taliban. New York: Grand Central Publishing, 2009

SMITH, Ben; THORP, Arabella. **The legal basis for the invasion of Afghanistan**. UK: The House of Commons Library, 2010. Disponível em: <https://researchbriefings.files.parliament.uk/documents/SN05340/SN05340.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2026.

TICKNER, Judith. **Gendering world politics**: issues and approaches in the post-Cold War era. Nova Iorque: Columbia University Press, 2001.

URZÊDO, Clara Souza. **As políticas de combate ao terrorismo durante os governos de George W. Bush e Barack H. Obama**. 2019. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia 2019.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Editora Peirópolis, 2017.

VIA, Sandra. Gender, militarism and globalization: soldiers for hire and hegemonic masculinity. In: SJOBERG, Laura; VIA, Sandra. **Gender, War and Militarism**: Feminist Perspectives. Santa Barbara: Praeger, 2010.

VIEIRA, Pedro Guimarães. De 11 de setembro à morte de Bin Laden: uma análise da “Guerra ao Terror” à luz do direito internacional. **Revista Discente Direito GV - REDGV**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 31-61, ago. 2012.